



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – *CAMPUS X*  
COLEGIADO DE LETRAS: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

JULIANA CORDEIRO TIGRE

**O LÉXICO DA FEIRA LIVRE DE IBIRAPUÃ/BA:**  
UM ESTUDO BASEADO EM UM CORPUS DE FALA ESPONTÂNEA

TEIXEIRA DE FREITAS – BA

2025

JULIANA CORDEIRO TIGRE

**O LÉXICO DA FEIRA LIVRE DE IBIRAPUÃ/BA:  
UM ESTUDO BASEADO EM UM CORPUS DE FALA ESPONTÂNEA**

Monografia apresentada ao Colegiado de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas do Departamento de Educação – *Campus X* da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientação: Profa. Dra. Crysna Bomjardin da Silva Carmo.

TEIXEIRA DE FREITAS – BA

2025

*Dedico este trabalho à minha mãe, Luciana, e à minha falecida avó, Zulmerinda. Mulheres que sempre trabalharam muito e nunca deixaram de acreditar no poder da educação. Esta caminhada é também fruto da força e da fé que aprendi com vocês. E à minha criança interior, que acreditou, com olhos de esperança, que aprender também é uma forma de existir.*

## AGRADECIMENTOS

*Agradeço primeiramente a Deus, por ter conduzido o meu caminho durante toda vida. E segundo a mim, por ter confiado no meu propósito e não ter desistido.*

*Agradeço a todos que contribuíram de alguma forma para que essa caminhada fosse possível. Em especial, à minha família – minha mãe Luciana; meu irmão Gabriel; e meu padrasto Roni.*

*Agradeço ao Departamento de Educação – Campus X, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, instituição que me acolheu e proporcionou as condições necessárias para a minha formação e, sobretudo, para o desenvolvimento deste trabalho – meu desafio final.*

*Agradeço ao Colegiado de Letras Português por todo auxílio e acompanhamento nessa jornada. Minha enorme gratidão a todos os professores do curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas por cada aula, referência, discussão, eventos... Tudo isso foi me transformando aos poucos.*

*Sou grata também à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB, pela oportunidade de ter vivenciado a Iniciação Científica como bolsista. Oportunidade que me permitiu olhar o meu lugar de nascimento como espaço de pesquisa.*

*Agradeço de coração à minha professora orientadora, Crysna Bomjardim da Silva Carmo, por ter me orientado durante este percurso.*

*Meus agradecimentos às minhas colegas de turma, que dividiram comigo o peso e as alegrias desta caminhada. Em especial, agradeço à minha amiga Annelize.*

*Ao meu amor, Adrielle, pelo apoio nesse final de jornada.*

## RESUMO

Este estudo discute o uso de expressões e termos na comunidade de Ibirapuã/BA, no ambiente informal da feira livre. Nesse contexto, busca identificar, descrever e discutir os traços linguísticos mais proeminentes na fala espontânea dos falantes que trabalham como comerciantes na feira livre, considerando a formação do município em foco. O arcabouço teórico reúne os conceitos teóricos da Sociolinguística (Tarallo, 1997; Görski et.al., 2010; Labov, 2008 [1972]), *Language into Act Theory* (Cresti, 2000; Raso, 2012). Em relação à metodologia, conta com os pressupostos da Sociolinguística (Tarallo, 1997) e da Linguística de Corpus (Sardinha, 2000). Os resultados demonstram que: (i) termos como “mandioca mansa” e “mandioca brava” resultam de processos de personificação metafórica, no quais características humanas são projetadas em alimentos para separar o que é tóxico ou não para a ingestão humana; por outro lado, (ii) o termo “jirau”, de origem tupi, evidencia saberes tradicionais preservados na comunidade, mas que se encontram ausentes nos dicionários formais observados, no que se refere o uso popular, indicando em algum grau um tipo de apagamento cultural do substrato linguístico indígena presente na formação do português brasileiro. Nesse contexto, a pesquisa nos permite afirmar que a língua é um poderoso instrumento de preservação da memória coletiva e de resistência cultural e, ainda, evidencia que boa parte das palavras e/ou expressões linguísticas ecoam lastros da história de um povo, de uma comunidade – a exemplo de Ibirapuã.

**Palavras-chave:** Sociolinguística; Linguística de *Corpus*; Fala espontânea; Ibirapuã-BA; Mandioca; Jirau.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Exemplo de MCIs .....	25
<b>Figura 2:</b> <i>Concordanciador AntCond</i> .....	33
<b>Figura 3:</b> Mapa dos Territórios de Identidade da Bahia e da localização de Ibirapuã - BA.....	40
<b>Figura 4:</b> Modelo Cognitivo Idealizado Trabalho [Feira-Livre].....	43
<b>Figura 5:</b> Significado de Mandioca: Dicionário Online de Português.....	46
<b>Figura 6:</b> Mandioca.....	47
<b>Figura 7:</b> Mandioca mansa e mandioca brava.....	47
<b>Figura 8:</b> Imagens dos adjetivos “manso” e “bravo”: <i>Google Imagens</i> .....	48
<b>Figura 9:</b> Projeção metafórica: mandioca mansa.....	50
<b>Figura 10:</b> Projeção metafórica: mandioca brava.....	51
<b>Figura 11:</b> Significado de <i>jirau</i> pela internet.....	53
<b>Figura 12:</b> <i>Jirau</i> .....	54
<b>Figura 13:</b> <i>Jirau</i> .....	54

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Critérios de compilação do <i>corpus</i> .....	31
<b>Tabela 2:</b> Metadados do Participante.....	39
<b>Tabela 3:</b> Números do <i>corpus</i> .....	41

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
<b>1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>10</b>
1.1 <i>Language into Act Theory</i> .....	10
1.2 A Teoria Sociolinguística .....	12
1.1.2 Variedade, variável e variantes .....	15
1.1.3 Tipos de variação .....	15
1.3 Comunidade de fala.....	17
1.4 O <i>substratum</i> linguístico .....	18
1.5 Léxico .....	19
1.6. Linguística Cognitiva .....	21
1.6.1. Metáfora e Metonímia Conceptuais.....	22
1.6.2 Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs).....	23
1.7. A comunidade de fala em foco: a feira livre de Ibirapuã\BA.....	25
1.7.1. A feira livre.....	26
<b>2. METODOLOGIA.....</b>	<b>28</b>
2.1 Tipo, método e técnica científica .....	28
2.2 Linguística de <i>corpus</i> .....	30
2.2.1 Concordanciador <i>AntConc</i> .....	31
2.3 Parâmetros para a compilação de um <i>corpus</i> de fala espontânea: <i>Language into Act Theory</i> .....	33
2.4 Parâmetros metodológicos da Sociolinguística .....	36
<b>3. CORPUS DO TRABALHO: ANÁLISE DE DADOS .....</b>	<b>38</b>
3.1 Perfil sociolinguístico do sujeito de pesquisa .....	38
3.2 A comunidade de fala do sujeito da pesquisa: Ibirapuã- BA.....	39
3.4 <i>Corpus</i> de estudo: análise de dados .....	40
3.5 Modelo Cognitivo Idealizado da Feira Livre – MCI/Feira Livre .....	41
3.6 Análise lexical.....	44
3.6.1 Mandioca Mansa e Mandioca Brava .....	44
3.6.2 Jirau .....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	57
ANEXO.....	60

## INTRODUÇÃO

No Brasil, a diversidade linguística é evidente em diversas regiões, inclusive em pequenos territórios, materializando-se de maneira mais autêntica na fala espontânea. Nesse contexto, a fala produzida sem planejamento prévio se configura como um espaço rico para a pesquisa sociolinguística. Segundo Saussure *apud* Castelar de Carvalho (2013, p. 60) “a fala, ao contrário da língua, por se constituir de atos individuais, torna-se múltipla, imprevisível, irreduzível a uma pauta sistemática”. É através da fala que o sujeito exprime seus pensamentos, emoções e até mesmo sua identidade. Sendo assim, a pesquisa de campo se concretiza em Ibirapuã-BA, um dos 13 municípios que compõem o Extremo Sul Baiano. Conforme informações do IBGE (2024), Ibirapuã possui 8.896 habitantes (Censo 2022). Ainda há poucos registros relacionados a história dessa cidade, que embora pequena, apresenta uma ocupação muito antiga, de séculos atrás. Antes, distrito de Caravelas/BA, sua emancipação ocorreu apenas 1962. Contudo, a região já era visitada: a Estrada de Ferro Bahia-Minas, que saía de Ponta de Areia (Caravelas/BA), atravessava a fronteira sul do município para chegar ao estado de Minas Gerais (IBGE, 2024). Essas estradas adentraram no município em meados de 1945, por duas frentes: uma vinda de Serras dos Aimorés, pelo lado oeste, e a outra, de Argolo, estação férrea no vizinho município de Mucuri, hoje Nova Viçosa. No século XVI, além de exploradores, havia o trânsito de populações indígenas pela região, especialmente os povos *Tupinaés*, *Aimorés* e *Tupiniquins*.

A feira livre se configura como um espaço privilegiado de interação social, onde se encontram diferentes vozes, histórias e modos de falar, considerando a formação histórica do município. Assim, este trabalho tem como tema “Análise das variações linguísticas na fala espontânea dos trabalhadores de Ibirapuã-Ba, destacando aspectos sociolinguísticos que refletem a identidade cultural e regional do Extremo Sul da Bahia”, o objetivo principal é investigar o comportamento linguístico dos trabalhadores da feira livre de Ibirapuã – BA à luz da sociolinguística. Dessa forma, essa pesquisa identifica, descreve e discute os traços linguísticos mais proeminentes na fala espontânea dos falantes que trabalham como comerciantes na feira livre, considerando a formação do município em foco.

Para atender a essa finalidade, este estudo tem como base os conceitos teóricos da Sociolinguística de Tarallo, 1997; Görski et.al., 2010; Labov, 2008 [1972], *Language into A Theory* de Cresti, 2000; Raso, 2012 e Feira Livre de Maia, 2006 e Dantas 2007. Além disso, conta com os pressupostos metodológicos da Sociolinguística de Tarallo, 1997, no que

concerne a contingência dos dados (amostra, informantes, perguntas etc.) e da Linguística de Corpus de LC - Sardinha, 2000, no que tange a compilação e a exploração de corpora de dados linguísticos. A estrutura deste trabalho contempla além da introdução, uma revisão bibliográfica que apresenta os conceitos basilares relacionados ao tema, os procedimentos metodológicos adotados, os resultados obtidos, a análise dos dados e por fim, as considerações finais.

Por fim, ressaltamos que este trabalho compõe uma das pesquisas realizadas junto ao projeto guarda-chuva: *Mapa Linguístico da Fala Espontânea do Extremo Sul da Bahia*, oriundo do projeto de pesquisa de Iniciação científica vinculado à Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Logo, este estudo, ao analisar a fala espontânea dos trabalhadores da feira livre de Ibirapuã, busca não apenas compreender os aspectos linguísticos específicos dessa região, mas também contribuir para a valorização da diversidade cultural e identitária do Extremo Sul da Bahia.

## 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fala é capaz de fornecer informações, tanto linguísticas quanto identitárias, pois reflete o funcionamento da linguagem humana e o comportamento dos falantes em situações cotidianas. Apesar de sua estrutura poder ser observada a partir de sua realização, a fala, especialmente, a espontânea, ocorre sem ensaio, nas diversas situações do cotidiano. Sendo assim, esta pesquisa assume essa modalidade como o objeto primordial da Linguística e recorta o contexto da feira livre da cidade de Ibirapuã, extremo sul do estado da Bahia. Como anunciado, esta pesquisa objetiva *investigar o comportamento linguístico da fala espontânea dos falantes que trabalham na feira livre de Ibirapuã – um dos 13 municípios que compõe o Território de Identidade Extremo Sul da Bahia, tendo em vista a sua formação sociolinguística e histórica*. Para tanto, agrupa bases teóricas que exploram as relações entre linguagem, sociedade e cultura, as quais são apresentadas no seguinte desenho: *Language into Act Theory*, a Sociolinguística, o léxico como repertório sociocultural, a questão do *substratum* linguístico, a feira livre como cruzamento linguístico e histórico; e, por fim, breve histórico sobre o município de Ibirapuã/BA.

### 1.1 *Language into Act Theory*

A *Language into Act Theory* (L-Act - doravante Teoria da Língua em Ato) é uma teoria da linguagem que busca explicar o funcionamento do uso da língua falada, centralizando os atos de fala e a forma como eles são realizados em contextos comunicativos reais. Emanuela Cresti (2000) argumenta que a fala é o meio primordial pelo qual os atos de fala são realizados. Esses atos correspondem às ações que realizamos ao falar, como afirmar, ordenar, perguntar ou prometer, ou seja, falar é agir linguisticamente. Assim, a L-Act se distancia das teorias estruturalistas e formalistas, enfatizando a interação e o uso situacional da língua. Tommaso Raso (2012) sustenta que a língua não pode ser compreendida apenas como um sistema abstrato de regras gramaticais, mas como uma ferramenta moldada para atender necessidades comunicativas reais, ou seja, situações cotidianas, como as realizadas na feira livre. Diferentemente dos estudos feitos com bases na língua escrita, a L-Act tem a fala espontânea como objeto de pesquisa. A fala é entendida como primária e responsável por refletir a complexidade e a variabilidade da comunicação humana. Portanto, entendendo a linguagem como um fenômeno dinâmico, a Teoria da Língua em Ato considera que o sentido

das palavras depende do contexto, da intenção do falante e da interpretação do interlocutor. De acordo com Raso (2012):

A TLA se estrutura como uma forma de análise pragmática da fala, entendendo por isso que há níveis hierárquicos definidos na expressão comunicativa da fala que devem ser considerados; a sua não consideração levaria à impossibilidade de se conseguir analisar os textos falados. (p.92)

Sendo assim, a significação da linguagem se constrói no uso concreto da comunicação, considerando os níveis hierárquicos que podem incluir aspectos linguísticos (como palavras e estruturas gramaticais), contextuais (o ambiente da fala) e intencionais (o que o falante deseja expressar) (Raso, 2012). Caso esses níveis não sejam considerados, a análise de textos falados se tornaria impossível, pois a fala não pode ser reduzida apenas à sua forma linguística, já que seu sentido depende de elementos extralinguísticos, como o contexto e a interação entre os participantes.

Para tanto, a TLA determina a unidade básica da fala dentro do contexto do **enunciado**. Segundo Raso (2012, p.92) “a TLA identifica a unidade de referência da fala na dimensão do enunciado. A necessidade de se identificarem unidades de referência fica clara se analisarmos um trecho qualquer de uma transcrição de um texto falado”. Dessa forma, a unidade de referência não é apenas uma palavra ou som, mas um segmento da fala que faz sentido dentro do enunciado como um todo.

Exemplo 1: e então / tinha muito texto do tio Carlos / então ele falava / ah / ele é tio da minha tia //.

No exemplo 1 as barras simples (/) indicam **fronteiras não terminais**, ou seja, pausas curtas que sinalizam que o falante ainda está desenvolvendo a ideia, enquanto a barra dupla (//) no final, marca a **fronteira terminal**, que encerra a unidade de sentido completa. Cada segmento entre as barras simples representa uma unidade menor da fala, que isoladamente pode não ser um enunciado completo, mas que, no conjunto, formam um sentido dentro do contexto da fala espontânea. (Raso, 2012).

Ainda em relação à importância do contexto, Raso (2012, p.102) acrescenta: “não é a variação dos falantes que nos ajuda a achar diferentes atos de fala, mas a variação das situações comunicativas”. Quando falamos, o que realmente determina o tipo de ato de fala

que estamos realizando, não é simplesmente quem fala, mas sim a situação em que a fala acontece. Ou seja, o contexto comunicativo influencia diretamente o sentido e a função da fala. A ilocução, de fato, reflete a ação que um falante faz com a fala, e situações diferentes nos induzem a cumprir atos de fala diferentes. Isso mostra que a ilocução, que é a intenção por trás da fala, muda conforme a situação, pois o que o falante quer fazer com suas palavras depende do momento, do lugar, das pessoas envolvidas e do propósito da conversa. Portanto, os atos de fala não são determinados pela variação individual dos falantes, mas sim pelas mudanças comunicativas, diferentes contextos exigem diferentes atos de fala.

## 1.2 A Teoria Sociolinguística

A Sociolinguística é uma área da Linguística que estuda a relação entre língua e sociedade, investigando fatores como: idade, gênero, classe social, escolaridade, etnia, localidade, contexto comunicativo etc (William Labov, 2008). Como vertente da Linguística, esse campo se desenvolveu como uma disciplina na segunda metade do século XX, sendo influenciada por teorias advindas das ciências sociais, a exemplo da Sociologia, a Antropologia, a Psicologia Social e a Ciência Política. Essas disciplinas contribuíram para o entendimento das relações entre língua, sociedade, cultura, poder e identidade, ampliando a análise linguística para além do aspecto puramente estrutural da linguagem. (Labov, 2008). Contudo, para compreender o posicionamento dessa nova vertente, que toma como objeto primordial a língua falada em seus contextos de uso, é preciso destacar dos princípios aos quais se afasta: o Estruturalismo e o Gerativismo.

No início do século XX, Ferdinand Saussure (1916) estabelece os limites do Estruturalismo dentro do qual afirma que “a fala, ao contrário da língua, por se constituir de atos individuais, torna-se múltipla, imprevisível, irreduzível a uma pauta sistemática” (Saussure *apud* Castelar de Carvalho, 2013, p. 60). A fala é o uso individual e concreto do sistema linguístico em situações reais de comunicação. Essa afirmação destaca a distinção entre língua e fala, um conceito central na linguística estruturalista. Para Saussure, a língua (*langue*) é um sistema coletivo e abstrato de signos compartilhado por uma comunidade, enquanto a fala (*parole*) é o uso individual e concreto desse sistema em situações reais de comunicação. Nessa, o verdadeiro objeto da Linguística é a (*langue*) língua considerada em si e por si mesma. Já dentro do Gerativismo, corrente desenvolvida a partir da década de 60 nos Estados Unidos, seu expoente Noam Chomsky (1957) propõe que a capacidade linguística é inata e se estrutura a partir de uma gramática universal, compartilhada pela espécie humana

em todas as línguas. Nesse quadro, o investigador está interessado em descobrir o conjunto de regras abstratas que determinam como as sentenças gramaticais das línguas humanas são formadas. Diante disso, podemos afirmar que ambas as correntes, estruturalista e gerativista, consideram a língua como uma realidade abstrata e desvinculada dos fatores sociais. (Gorski, 2010). Dessa forma, a Sociolinguística se afasta de ambas ao eleger a fala que ocorre nos contextos de uso da língua como seu campo de investigação.

Em outros termos, a Sociolinguística coloca no centro do debate a fala usada em contextos diversos, principalmente a linha variacionista. Desenvolvida por Willian Labov (2008), esta perspectiva parte do pressuposto de que a língua é um fenômeno dinâmico e heterogêneo que reflete a diversidade de contextos e grupos sociais nos quais está inserida. A Sociolinguística Variacionista revoluciona o estudo da linguagem ao demonstrar que a variação linguística não é aleatória, mas segue padrões sistemáticos influenciados por fatores sociais (Labov, 2008). Segundo Labov (2008):

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo (p.21).

Para Labov, a variação é essencial para a compreensão da língua, uma vez que ela expressa diferenças sociais e culturais que, por sua vez, ajudam a consolidar identidades individuais e coletivas. O objetivo da sociolinguística é entender como a língua funciona dentro de um contexto social, analisando as variações linguísticas e o impacto dos fatores sociais no uso da linguagem e como a língua reflete e constrói identidades sociais. Falar sobre sociolinguística implica discutir as diferentes formas de variação, definidas nos termos de *variantes*. Grosso modo, as “variantes linguísticas” podem ser compreendidas como as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade, a um conjunto de variantes dá-se o nome de “variável linguística” (Tarallo, 1997, p.8). Essa variação pode ocorrer em diferentes níveis da língua, como a fonologia, morfologia, sintaxe e semântica, e está diretamente relacionada a fatores sociais, regionais, de gênero, classe social, entre outros.

Nessa esteira, Raquel Freitag (2017, p.11) assinala que a Sociolinguística Variacionista, ou Teoria da Variação e Mudança, consegue explicar a “covariação sistemática entre língua e sociedade”. Já Edair Maria Gorski *et al.* (2010) assevera que essa teoria não só observa as diferenças na forma como as pessoas falam, mas também tenta entender como

essas diferenças levam a mudanças na língua ao longo do tempo. Ainda sobre essa abordagem, os autores comentam:

Na abordagem laboviana, vale lembrar que o fato de a variação ser inerente às línguas está ligado diretamente à noção de heterogeneidade – as línguas são sistemas heterogêneos (e não homogêneos conforme postulam Saussure e Chomsky). Como, contudo, ainda se está falando em sistema, somos levados a assumir que a variação pode ser sistematizada (Gorski *et al.* 2010, p.23)

Portanto, falar sobre heterogeneidade não significa que não há regras na língua, mas que essas regras são constituídas tendo em vista as influências do meio social, ou seja, suas regras são repletas de variáveis. Gorski *et al.* (2010) ressalta as áreas de estudo nas quais as variações podem ser encontradas: “mais um aspecto importante relacionado à variação é o fato de que esse fenômeno não está limitado a um dos níveis da gramática: encontramos variação no nível fonológico, bem como no morfológico, no sintático, no lexical e no discursivo”. (Gorski *et al.*, 2010, p.27). Dessa forma, a pesquisa sobre variação proporciona inúmeras possibilidades de caminhos a serem seguidos, tornando seu estudo inacabável: quanto mais variantes, mais variedades serão encontradas. Um ponto basilar na pesquisa sociolinguística são os condicionadores linguísticos e extralinguísticos, ainda conforme os autores:

Os condicionadores ajudam o analista a delimitar quais exatamente são os contextos mais propícios para a ocorrência das variantes em estudo. Eles são divididos em dois grandes grupos, em função de serem mais ligados a aspectos internos ao sistema linguístico ou externos a ele. No primeiro caso, são também chamados de condicionadores linguísticos; exemplos são a ordem dos constituintes, a categoria das palavras ou construções envolvidas, aspectos semânticos etc. No segundo caso, são também chamados de condicionadores extralinguísticos ou sociais; e, entre eles, os mais comuns são o sexo/gênero, o grau de escolaridade e a faixa etária do informante. (Gorski *et al.* 2010, p.28)

Dessa forma, a Sociolinguística se revela um campo essencial para a compreensão da diversidade linguística e das variações que permeiam o uso da língua em diferentes contextos sociais. Ao analisar fatores como classe social, idade, gênero e regionalidade, essa área do conhecimento permite uma visão mais flexível da linguagem, rompendo com a noção de uma forma única e estática.

### 1.1.2 Variedade, variável e variantes

Na Sociolinguística é fundamental conhecer alguns termos para uma compreensão aprofundada dos fenômenos linguísticos. Segundo Tarallo (1997), a *variação linguística* é um fenômeno inerente a todas as línguas vivas, que variam no tempo, nos espaços geográfico e social, e de acordo com a situação na qual o falante se encontra. Como dito anteriormente, as variantes linguísticas envolvem as diversas formas de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor. O conjunto de variantes linguísticas é chamado de *variável linguística*. Esta variável corresponde a um elemento da língua que admite diferentes formas de realização, ou seja, uma posição em que distintas expressões podem ocorrer com o mesmo valor funcional. Um exemplo disso é a marcação do plural, como a alternância entre *a gente vai* e *nós vamos*. A chamada *variante padrão*, também conhecida como norma culta, considerada conservadora, goza de prestígio no seio das diversas comunidades que formam um país como o Brasil, marcado por tantas diferenças, a começar pelos limites que definem seus estados. Já a *variante não padrão*, que se manifesta nas diversas comunidades periféricas, utilizada sobretudo em contextos informais de fala espontânea, apesar de seu caráter inovador, é estigmatizada frente à primeira. Gorski *et al* (2010) concorda com as afirmações de Fernando Tarallo (1997), um dos introdutores da Sociolinguística no Brasil, e acrescenta que pode haver comentários negativos em relação à forma como as pessoas falam na variante não padrão. Para Gorski *et al* (2010, p.26) “variedade representa a fala de uma comunidade de modo global, considerando-se todas as suas particularidades, tanto categóricas quanto variáveis; é o mesmo que dialeto ou falar”.

### 1.1.3 Tipos de variação

Já sabemos que dentro da Sociolinguística a variação linguística corresponde ao fenômeno que explica as diferentes formas de falar uma mesma língua, atravessada por fatores como região geográfica, grupo social, idade, grau de escolaridade e contexto comunicativo. Os tipos de variação são definidos conforme a natureza do fator extralinguístico envolvido. Para apresentação dos tipos de variação linguística, tomamos o trabalho de Gorski *et al* (2010):

- **Variação diatópica** ou regional: ocorre quando a fala do indivíduo muda de acordo com a região, sendo responsável pelos sotaques, dialetos e regionalismos. Por meio dessa variação é possível distinguir quando um falante é mineiro, gaúcho ou paulista,

por exemplo. Outros exemplos são no vocabulário como *mandioca* (Sudeste) x *macaxeira* (Nordeste) x *aipim* (Sul);

- **Varição diastrática** ou social: ocorre quando a fala muda de acordo com fatores sociais, como o grau de escolaridade, nível socioeconômico, sexo/gênero, faixa etária e mesmo a profissão dos falantes. Gorski *et al* (2010, p.78) apresenta exemplos dessa variação como o nível de escolaridade: “falantes mais escolarizados tendem a produzir formas como ‘as meninas bonitas’, marcando o plural em todos os elementos do sintagma, ao passo que falantes menos escolarizados tendem a produzir formas como ‘as meninas bonita’ ou ‘as menina bonita’, marcando o plural em um ou apenas dois elementos do sintagma”;
- **Varição diafásica** ou estilística: acontece quando um mesmo falante usa diferentes formas de falar a depender do contexto e do grau de formalidade. A maneira como falamos em casa, com a família ou amigos não é a mesma que usamos em uma reunião ou apresentação de um trabalho. Além disso, também mudamos nossa fala de acordo com a intenção, quando queremos convencer alguém, repreender, elogiar etc. Exemplo: “Peço desculpas pelo atraso. Tive um imprevisto” (formal); “Foi mal, me enrolei no caminho!” (informal). “O aquecimento global é um fenômeno decorrente da intensificação do efeito estufa” (fala acadêmica); e “O mundo tá esquentando por causa da poluição.” (cotidiana).
- **Varição diamésica**: pouco mencionada, refere-se a ideia de vários meios ou códigos, como a diferença entre fala e escrita. A fala produzida em contextos informais é espontânea, imprevisível e por ser suscetível à situação de comunicação, torna-se mais variável, já a escrita em contextos mais formais, a exemplo de uma notícia de jornal, é ensaiada e menos variável. Exemplo: “Pô, aquele jogo foi sensacional! Melhor do que eu esperava” (fala). “A partida foi marcada por momentos de alta tensão, superando as expectativas dos torcedores” (escrita).

Diante do exposto, podemos afirmar que apesar dos tipos de variações presentes na vida de todo falante, todas estão presentes a um só tempo em um mesmo ato de fala. Contudo, para efeito de pesquisa, recortamos um aspecto, já que a fala é tão heterogênea e adaptável. Neste trabalho temos como objeto de estudo a análise das variações encontradas na fala espontânea de trabalhadores da feira livre de Ibirapuã - BA. A seguir, tratamos de um conceito fundamental para compreender os limites da variação: a comunidade de fala.

### 1.3 Comunidade de fala

Para a Sociolinguística, a variação não ocorre de maneira desordenada, mas é sistematicamente acomodada dentro de uma comunidade de fala. Conforme Labov (2008, p. 188), “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todos as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua”. Portanto, não basta que os falantes usem a mesma língua ou dialeto, eles também devem ter um senso de pertencimento e reconhecer certas normas linguísticas dentro do grupo. Por exemplo: um grupo de jovens de uma mesma comunidade podem ter gírias diferentes, mas todos conseguem entender, pois partilham da mesma comunidade de fala.

Nesse mesmo enquadramento, Gregory Guy (1980, p.18) caracteriza as comunidades de fala por meio de “características linguísticas compartilhadas; isto é, palavras, sons ou construções gramaticais que são usados na comunidade, mas não o são fora dela”, além disso, são “normas compartilhadas; isto é, atitudes em comum sobre o uso da língua, normas em comum sobre a direção da variação estilística, avaliações sociais em comum sobre variáveis linguísticas”. Portanto, refere-se aos comportamentos linguísticos que ocorrem de maneira natural, improvisada, sem planejamento ou preparação prévia, mas que são reconhecidos e aceitos pelo conjunto de falantes de uma comunidade. Tais comportamentos acontecem em situações cotidianas e informais, quando as pessoas estão interagindo de maneira descontraída, como em conversas casuais entre amigos, familiares ou colegas de trabalho. Não apenas nesses contextos, mas também em interações espontâneas que ocorrem em ambientes institucionais ou públicos, como salas de aula, consultórios médicos, repartições públicas, reuniões de trabalho, entrevistas de pesquisa, programas de rádio ou televisão ao vivo e rodas de conversa comunitárias, desde que os falantes não estejam seguindo um roteiro previamente elaborado.

Guy (1980) ainda assevera que a comunidade de fala possui duas funções: a primeira é fornecer uma base fundamentada para explicar a distribuição de diferenças e semelhanças linguísticas; já a segunda é fornecer uma justificativa teórica para unir idioletos de falantes individuais em construções maiores, ou seja, as línguas. Para esse mesmo autor, uma comunidade de fala possui níveis, começando pela comunidade local, que compartilha traços linguísticos regionais, passando pela comunidade de fala nacional, que se estende até o país e podendo chegar ao nível de comunidade internacional, como o nível mais alto. De qualquer

forma, as comunidades estão acopladas umas dentro das outras - como “matrioskas”, as bonecas russas, de vários tamanhos, que se encaixam uma dentro da outra.

Por fim, é fundamental compreender como a linguagem funciona na prática, para além da visão abstrata das línguas como sistemas fechados. Cada indivíduo possui sua fala individual, isto é, seu *idioleto*, mas sua comunicação ocorre compartilhada dentro de um grupo: *a comunidade de fala*. Portanto, o estudo das comunidades de fala permite entender melhor a variação linguística, a evolução das línguas e a forma como a linguagem reflete a identidade de seus falantes, bem como da sociedade.

#### 1.4 O *substratum* linguístico

O termo *substratum* tem origem no latim e significa “algo que está por baixo” ou “base”. Em Linguística, o conceito foi tomado para descrever a influência de uma língua extinta ou que foi substituída por uma nova língua dominante. Segundo Mattoso Câmara Junior (1981) *apud* Afrânio da Silva Garcia (2002 p.71), as línguas em situação de contato podem influir da seguinte forma: (a) **substrato** - se dá à língua de um povo que é abandonada em proveito de outra que a ela se impõe, geralmente como consequência de uma conquista política; (b) **superstrato** - se dá à língua de um povo conquistador, que a abandona para adotar a língua do povo vencido; e (c) **adstrato** – toda língua que vigora ao lado de outra (bilinguismo), num território dado, e que nela interfere como manancial permanente de empréstimos. (Câmara Junior (1981) *apud* Garcia (2002 p.71).

Para estudar a fala de um povo é necessário retomar aos princípios de sua formação. Não basta analisar apenas a gramática ou o vocabulário atual, é necessário voltar às origens históricas e culturais daquele grupo, levando em conta fatores como a colonização, as migrações, relações de poder, política, religião, economia ou quaisquer outros aspectos que influenciaram na formação da linguística daquele local. O português, assim como outras línguas românicas, é derivado do latim vulgar. Conforme Garcia (2002), no Brasil, já existia uma língua chamada *língua geral*, criada pelos jesuítas, usada pelos indígenas tupis como meio de comunicação com os demais povos. Além disso, Wolf Dietrich e Volker Noll (2010) afirmam que a denominação língua geral referia-se à ampla difusão da língua. Entretanto, a língua geral não se tratava mais do tupi autêntico, mas uma forma modificada da língua.

Na época colonial a língua geral era mais usada que o português, que se estabeleceu no interior apenas no final do século XVIII. Esse fato ajudou a tornar o tupi uma parte integrante do português falado no Brasil, principalmente no vocabulário relacionado à fauna e flora do

país. (Dietrich e Noll (2010). Segundo Dietrich e Noll (2010), atualmente, falam-se mais de 170 línguas indígenas no território brasileiro, contando com um total de 10 mil tupinismos no português brasileiro. Tal constatação é pertinente à presente pesquisa, visto que o *corpus* do trabalho investigará a fala de trabalhadores que transitam na feira-livre, ambiente repleto de elementos com nomes provenientes do tronco tupi, como por exemplo *jirau* e *moqueca* termos de origem indígena presentes no dia a dia dos trabalhadores.

### 1.5 Léxico

O conhecimento sobre o léxico é imprescindível no estudo sociolinguístico. Esse componente da língua se refere ao conjunto de palavras e expressões que compõem a língua e pode variar ao longo do tempo, incorporando novos termos e perdendo outros, em outras palavras, o conjunto de seu repertório. Segundo Maria Tereza Camargo Biderman (2001), o léxico se relaciona com o processo de nomeação e cognição da realidade. Para essa autora:

O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao reunir objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses seres e objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. (Biderman, 2001, p.13).

Ainda sobre o léxico, Biderman (2001) acrescenta que a geração de novos itens lexicais se processa através de atos sucessivos de cognição e categorização, tomando forma de signos linguísticos, ou seja, de palavras. Nesse contexto, o léxico de uma língua pode ser considerado patrimônio vocabular de uma comunidade linguística, uma herança em forma de signos lexicais. Vale salientar que cada cultura possui modelos específicos de categorização. Em outras palavras, as línguas naturais dispõem de um conjunto de sistemas de produção semântica biologicamente estabelecidos, portanto universais, que como um elenco são progressivamente selecionados por cada comunidade humana. Por fim, Biderman (2001, p.14) conclui: “no seu processo individual de cognição da realidade, o falante incorpora o vocabulário nomeador das realidades cognoscentes juntamente com os modelos formais que configuram o sistema lexical”. Ou seja, à medida que as comunidades foram adquirindo conhecimento do mundo, necessitavam também ampliar seu repertório de signos linguísticos para rotular as invenções, técnicas e noções desenvolvidas.

Como o léxico é um componente complexo, Biderman (2001) aponta algumas especificidades: para designar os referentes criados pelas técnicas e ciências do saber, chamamos de **taxionomias técnico-científicas**, fundamentais para categorizar objetos, seres vivos, fenômenos e conceitos dentro das diferentes disciplinas; para estudar conceitos básicos da área como a palavra, a categorização lexical e a estruturação do texto, temos a **lexicologia**; para o estudo da criação de dicionários, temos a **lexicografia**. O **dicionário** é outro termo recorrente nos estudos lexicais, pois é ele quem faz a descrição do vocabulário de uma língua de acordo com os conceitos elaborados pelos falantes. Por fim, temos a **terminologia**, que estuda os termos específicos de uma área do conhecimento, se concentra em vocabulários especializados.

Além dos conceitos citados acima, é importante pensar em conceitos básicos que envolvem o campo, muitas vezes intercambiáveis entre si, quais sejam: palavra, lexia, vocábulo e termo. Para isso, destacamos o trabalho de Celina Márcia de Souza Abbade (2012):

Definida genericamente como “fonema ou grupo de fonemas com uma definição”, etimologicamente falando, teria vindo do grego *parabolé* que passou para o latim *parabole*, ‘termo, vocábulo’. Os latinos também utilizavam o *verbum*, ‘palavra, vocábulo’, o *vocabulum*, ‘termo, palavra que faz parte de uma língua, dicção; ou ainda *terminus*, ‘palavra, dicção, vocábulo’. (p.145)

Embora sejam utilizadas como sinônimos, Abbade (2012, p.145) aponta uma distinção entre eles:

*palavra* é um termo genérico, tradicionalmente utilizado na língua, fazendo parte do vocabulário de todos os falantes, é uma unidade significativa que abrange as diversas significações do conteúdo linguístico, a *lexia*, diferente da *palavra*, é a unidade significativa do léxico de uma língua, ou seja, é uma palavra que tenha significação lexical. O *termo* nada mais é do que a palavra particular de uma ciência, de uma arte, de um ofício, de uma profissão, ou seja, uma palavra utilizada em contextos diferentes. *Vocábulo* é a palavra considerada apenas quanto à forma, independentemente da significação que nela se encerra, ainda que na língua corrente, *vocábulo* e *palavra* sejam tomados como sinônimos. (Abbade, 2012, p.145)

A autora pontua que mesmo que usemos esses termos como sinônimos no dia a dia, é importante saber sua diferença dentro dos estudos linguísticos. Em suma, podemos concluir que a palavra tem um valor inestimável, afinal, como dita muitas religiões, foi a partir do verbo que o mundo se fez, assumindo assim uma força transcendental.

## 1.6. Linguística Cognitiva

A Linguística Cognitiva (LC) é uma vertente dos estudos linguísticos que entende a linguagem como parte integrante dos processos mentais humanos, refletindo a maneira como percebemos, categorizamos e interagimos com o mundo. Essa vertente surge em contraste com as abordagens formais da linguagem, como a Gramática Gerativa proposta por Noam Chomsky, que concebem a língua como um sistema autônomo regido por regras universais e analisado de forma abstrata, sem considerar diretamente os processos cognitivos, a experiência e o contexto de uso. Já para a Linguística Cognitiva, o significado é visto como resultado do uso e das estruturas conceituais compartilhadas pelos falantes, e não como algo independente da experiência. Para Valeria Coelho Chiavegatto (2009), a LC configura-se dessa forma:

Diante destas premissas, a linguística cognitiva estabelece que a gramática não pode ser mais vista como um conjunto de regras que opera sobre categorias de palavras ou de sentenças, mas sim um conjunto de princípios gerais e processuais, que opera sobre bases de conhecimentos. A língua é então um instrumento que empregamos para expressar pensamentos e interagir em sociedade. (p.81)

A partir dessa perspectiva, torna-se possível compreender fenômenos linguísticos como metáforas, construções idiomáticas e padrões de interpretação como reflexos diretos da cognição humana. Isso significa que a língua não é apenas um código simbólico, mas também um mecanismo que organiza conhecimento, permite raciocínios complexos e sustenta práticas comunicativas em contextos sociais variados. Além disso, Augusto Soares da Silva (1997) compreende que a Linguística Cognitiva entende a linguagem como um instrumento de conhecimento, ligada à experiência humana no mundo. As suas unidades e estruturas não são analisadas como elementos independentes, mas sim como expressões das capacidades cognitivas gerais, da organização conceitual, dos princípios de categorização, dos processos mentais e da experiência social, cultural e individual.

Em adição, Chiavegatto (2009) discute que na Linguística não há uma separação rígida entre o que a língua diz literalmente e o que transmite de forma indireta (como metáforas, ironias ou humor). Tudo o que é comunicado na interação é considerado parte do significado, pois depende do contexto e da cognição do falante e do ouvinte. Isso acontece cotidianamente através das metáforas, por exemplo quando alguém diz: *ele está nadando em dinheiro*. Nesse exemplo, entendemos claramente que o falante está destacando que *ele* é rico, e não que *ele* está de fato nadando em dinheiro. Este tipo de interpretação é possível pois

levamos em conta todo o contexto de comunicação, tornando possível distinguir quando se trata de uma metáfora, ironia, hipérbole etc.

Sendo assim, Silva (1997) destaca os principais temas investigados pela Linguística Cognitiva:

as características estruturais da categorização linguística (tais como prototipicidade, polissemia, modelos cognitivos, metáfora e imagens mentais), os princípios funcionais da organização linguística (iconicidade e naturalidade), a interface conceptual entre sintaxe e semântica, a base pragmática e ligada à experiência da linguagem-no-uso e a relação entre linguagem e pensamento (incluindo questões sobre o relativismo e sobre os universais conceptuais). (p.1)

Nesta pesquisa, a Linguística Cognitiva foi adotada com o objetivo de analisar a categorização linguística produzida pelos trabalhadores da feira livre de Ibirapuã-BA, como o uso de metáfora cognitivas, imagens mentais e modelos cognitivos idealizados. Pois, segundo Silva (1997, p. 3) “na linguística cognitiva a linguagem deve ser explicada em termos semânticos e funcionais (perspectiva que ela partilha, aliás, com outras teorias linguísticas pragmática e funcionalmente orientadas)”. Assim, os recursos linguísticos utilizados pelos trabalhadores não são compreendidos apenas como estruturas formais, mas como reflexos de seus conhecimentos, experiências e formas de perceber o mundo.

### **1.6.1. Metáfora e Metonímia Conceptuais**

A partir da década de 1970, a metáfora passa a ocupar um lugar central nas discussões das ciências humanas, especialmente nas ciências da linguagem e na psicologia cognitiva. Esse novo olhar surge com os estudos de George Lakoff e Mark Johnson (2002[1987]), que, ao analisarem expressões linguísticas do cotidiano, identificaram a existência de um sistema conceptual metafórico subjacente à linguagem. Tal sistema, segundo os autores, influencia diretamente a forma como pensamos, percebemos o mundo e orientamos nossas ações, mostrando que a metáfora não é apenas um recurso estilístico, mas um mecanismo fundamental da cognição humana.

O fato de Lakoff e Johnson (2002[1987]) terem identificado a existência de um sistema conceptual metafórico subjacente à linguagem provocou uma verdadeira mudança de paradigma nos estudos linguísticos. Essa descoberta levou à revisão da tradicional distinção entre linguagem literal e linguagem metafórica, uma vez que se reconheceu que o pensamento humano é, em grande parte, estruturado por metáforas conceptuais. Para tanto, os processos

de metáfora e metonímia são considerados estratégias cognitivas que revelam como a linguagem está enraizada na experiência corporal, cultural e social dos falantes. Eles mostram que a significação não é arbitrária, mas construída a partir de esquemas de conhecimento e de experiências perceptuais.

Apesar de apresentarem certas semelhanças, metáfora e metonímia são processos distintos na perspectiva da Linguística Cognitiva. Para os autores Lakoff e Johnson (2002[1987]) “a metáfora é principalmente um modo de conceber uma coisa em termos de outra, sua principal função é a compreensão. A metonímia por outro lado, tem principalmente uma função referencial, isto é, permite-nos usar uma entidade para representar outra” (p.92-93). Portanto, a metáfora envolve compreender um *domínio-origem* para projetar em um *domínio-alvo*. Exemplo: (1) *tempo é dinheiro* e (2) *a sala riu alto*. Em (1) o *tempo* é comparado com o *dinheiro* por ser percebido como um recurso valioso, que pode ser gasto, economizado, investido ou perdido. Tendo nessa metáfora o *dinheiro* como domínio-origem e o *tempo* como domínio-alvo. Já em (2) a metonímia opera dentro de um mesmo domínio, usando a *sala* para representar outro relacionado, os *ocupantes*. Diferentemente da metáfora, não há transferência entre domínios conceituais distintos.

### 1.6.2 Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs)

Para a Linguística Cognitiva, os seres humanos possuem bases nas quais os conhecimentos organizam as construções linguísticas, a partir de experiências vividas desde os primeiros dias de vida, chamados de *domínios cognitivos*. Tais conhecimentos são armazenados na memória de forma parcial, estruturada em níveis hierárquicos e com relativa permanência. Entretanto, estas estruturas não significam rigidez, pois são estruturas dinâmicas, que se modificam conforme as experiências acumuladas ao longo da vida, reorganizando e atualizando configurações já existentes (Chiavegatto, 2009).

Assim, são essas estruturas de armazenamento das experiências que são ativadas na construção dos significados linguísticos. Segundo Chiavegatto (2009), estes domínios cognitivos podem manifestar-se da seguinte forma:

(1) **Esquemas em imagens** correspondem aos conhecimentos mais básicos de nossa experiência, organizados em estruturas visuais e espaciais que podem ser aplicadas a diferentes domínios conceituais. Por representarem vivências amplamente compartilhadas, esses esquemas tendem a ser compreendidos por quase todos os falantes, uma vez que condensam informações gerais que orientam a construção e a interpretação dos enunciados

linguísticos. Por exemplo: *orelha do livro; esqueletos como estruturas; raízes como origem* exemplificam como a linguagem se apoia em experiências corporais e perceptivas para construir significados abstratos (Chiavegatto, 2009).

(2) **Modelos Cognitivos Idealizados (MCI)** são estruturas mentais onde os conhecimentos são armazenados. Recebem essa denominação porque reúnem os conhecimentos que possuímos sobre as diferentes experiências vividas, funcionando como estruturas mentais idealizadas que podem ser aplicadas a novas situações de natureza semelhante. Embora apresentem certa estabilidade, não são estruturas fixas, podem ser modificadas, ampliadas ou reduzidas conforme adquirimos novas informações. Vejamos um exemplo de MCIs por Chiavegatto (2009):

<p>MCI SAÚDE</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>. vitalidade</li> <li>. disposição</li> <li>. boa aparência</li> <li>. bom funcionamento</li> <li>. FALTA DE SAÚDE</li> <li>. doença</li> <li>. indisposição</li> <li>. palidez</li> <li>. médicos</li> <li>. hospital</li> <li>. dor</li> <li>..... (etc)</li> </ul>	<p>MCI ECONOMIA</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>. finanças</li> <li>. dinheiro</li> <li>. riqueza</li> <li>. fatura</li> <li>. licros</li> <li>. trabalho</li> <li>. PROBLEMAS</li> <li>. desemprego</li> <li>. falência</li> <li>. crise</li> <li>. pobreza</li> <li>. depressão</li> </ul>	<p>MCI ENERGIA</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>. combustível</li> <li>. força</li> <li>. necessidades</li> <li>. produção</li> <li>. produtos</li> <li>. meios</li> <li>. alternativas</li> <li>. petróleo</li> <li>. carvão</li> <li>. ventos</li> <li>. águas</li> <li>. abastecimento</li> </ul>
---	---	--

**Figura 1:** Exemplo de MCIs  
Retirado de Chiavegatto (2009, p.88)

Na figura 1, temos 3 domínios de conhecimentos: *saúde, economia e energia*. Cada um destes grupos possui informações consideradas importantes e que se relacionam com os temas. Dessa forma, recorreremos às informações armazenadas em diferentes domínios cognitivos, ativando-as por meio de itens semióticos e projetando-as como conhecimentos previamente estruturados sobre novos domínios com os quais se relacionam. Assim, quando dizemos, por exemplo, “*fatura de energia*” ou “*indisposição do mercado*”, os significados resultantes emergem como *mesclas*, fazendo combinações de domínios distintos que preservam parte dos sentidos originais, mas adquirem novas interpretações a partir das relações estabelecidas no contexto comunicativo em que são empregadas (Chiavegatto, 2009).

Portanto, esta pesquisa adota o Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) da feira livre para composição estrutural dos dados. Segundo a teoria proposta por Lakoff (1987), os MCIs são estruturas cognitivas social e culturalmente compartilhadas que organizam o conhecimento humano, possibilitando compreender conceitos abstratos a partir de experiências concretas. Nesse sentido, o MCI da feira livre expressa o conjunto de conhecimentos, valores e vivências associados a esse espaço social, refletindo as experiências cotidianas e os significados culturais associados a ele.

### **1.7. A comunidade de fala em foco: a feira livre de Ibirapuã\BA**

Antes de tratarmos da feira livre, espaço dessa pesquisa, é preciso pontuar o contexto mais amplo no qual ela acontece enquanto cruzamento linguístico: a cidade de Ibirapuã-BA Localizada no Território de Identidade Extremo Sul Baiano, é um dos 13 municípios que compõem esse conjunto. Conforme informações do IBGE (2024), Ibirapuã possui 8.896 habitantes (Censo 2022). Ainda há poucos registros relacionados a história da cidade que, embora pequena, apresenta uma ocupação muito antiga, de séculos atrás. Contudo, a maior extensão do território tem explorações recentes, por volta das duas ou três últimas décadas (IBGE, 2024). Antes distrito de Caravelas/BA, sua emancipação ocorreu apenas 1962. Contudo, a região já era visitada: a Estrada de Ferro Bahia-Minas, que saía de Ponta de Areia (Caravelas/BA), atravessava a fronteira sul do município para chegar ao estado de Minas Gerais (IBGE, 2024). Essas estradas atravessam o Município, em meados de 1945, por duas frentes: uma vinda de Serras dos Aimorés, pelo oeste, e a outra vinha de Argolo, estação férrea no vizinho Município de Mucuri, hoje Nova Viçosa, ao leste. Além de fortes indícios de que, no século XVI, além de exploradores, havia o trânsito de populações indígenas pela região, especialmente os povos Tupinaés, Aimorés e Tupiniquins (IBGE, 2024).

A ocupação de toda a região avançou significativamente com a exploração dos recursos vegetais. Esse crescimento ocorreu mais tarde, impulsionado pela ferrovia, que facilitou o transporte de produtos extraídos da floresta, como toras de madeira bruta ou já processada. Ao longo de sua formação, Ibirapuã assumiu vários nomes, entre eles: Ibiratinga e o primeiro apelido pejorativo “pela jegue”, oriundo de brigas entre os moradores, que em uma circunstância infeliz, um sujeito lançou água quente no jumento do vizinho. O apelido “pela jegue” ficou famoso entre os habitantes e até hoje a história desse nome percorre entre as famílias. O povoado que originou Ibirapuã foi fundado em 1945 por Manoel José da Costa, proprietário da Fazenda Bela Vista, que doou terras para a formação da comunidade. Em

1953, o povoado foi elevado a distrito de Caravelas com o nome de Ibirapuã, sendo oficialmente instalado em 31 de março de 1955 (IBGE, 2024). Cidades menores facilitam observar como a língua evolui ao longo do tempo e quais influências ancestrais permeiam no léxico atual, pois há um fluxo menor de imigrantes, geralmente seus moradores descendem de povos antigos da mesma região. Nesse contexto, recortamos a feira-livre, já que boa parte dos povoados começam a partir delas.

### 1.7.1. A feira livre

A amostra será coletada em contexto da feira livre de Ibirapuã-BA, por ser um ambiente onde ocorre a troca de fala em situações informais, permitindo registrar dados linguísticos mais autênticos e menos monitorados pelos participantes. A feira é uma das formas de comércio mais antigas. Frequentadas por consumidores das diferentes classes sociais, mas com predomínio daqueles que ocupam as classes mais baixas, a feira livre em linhas é definida como:

[...] sítio geográfico – a praça do mercado – com atribuições sociais, econômicas, culturais, políticas etc., onde um certo número concreto de compradores e vendedores se reúnem com a finalidade de trocar ou vender e comprar bens e mercadorias (Mott, 1975, p. 10, *apud* Santos, p. 2007).

Doralice Satiro Maia (2006) aborda o espaço da feira livre como fenômeno sociocultural complexo, caracterizado pela interação social, dinâmica comercial, trocas econômicas e pelo papel exercido na construção de identidades culturais. Esses espaços são cruciais para o florescimento de trocas interpessoais, constituindo um ambiente para além do comercial. Maia sublinha que, além de serem mercados, as feiras preservam tradições locais e funcionam como meios de transmissão de valores culturais. Esse tipo de comércio cria possibilidades de trabalho e renda para muitas pessoas, especialmente para aquelas que estão fora do mercado formal. As feiras caracterizam-se pela interação direta entre vendedores e compradores, eliminando intermediários e ajustando-se às necessidades dos consumidores.

Além disso, Mundicarmo Ferreti (2000), caracteriza feira como reuniões periódicas que ocorrem geralmente em locais descobertos aos arredores de construções municipais. Os trabalhadores montam suas barracas para vender os produtos diretamente para o público, geralmente são frutas, verduras, legumes, carnes, peixes, ovos, pães, queijos, doces, conservas, roupas, utensílios domésticos, plantas e flores. As principais características das feiras são os preços mais acessíveis e o contato direto com o consumidor. O cotidiano

informal da feira propicia um ambiente mais leve e real, fazendo com que a fala espontânea tenha grande predomínio nesse local. Por essa razão, este espaço configura-se como um campo propício para a coleta e análise de dados linguísticos em contextos autênticos de uso da língua. Na próxima seção, será apresentada a metodologia adotada para a realização desta pesquisa, detalhando os procedimentos de coleta e os critérios utilizados na seleção dos dados.

## 2. METODOLOGIA

A língua é um fenômeno vivo e dinâmico, que se materializa de forma mais natural na fala espontânea. Esse tipo de ocorrência linguística revela traços significativos do comportamento dos falantes, refletindo aspectos sociais, culturais e regionais que moldam o uso da língua. A interação cotidiana e informal no ambiente de trabalho apresenta uma oportunidade rica para analisar variações linguísticas influenciadas por fatores como idade, escolaridade, gênero e ocupação. No caso da comunidade de fala em foco, destaca-se trabalhadores da zona rural que atuam na feira livre de Ibirapuã\BA. Com isso em conta, esta pesquisa tem como objetivo geral: investigar o comportamento linguístico da fala espontânea dos falantes que trabalham como comerciantes na feira livre de Ibirapuã. Pensando a feira como espaço de troca entre comerciantes e clientes, como objetivos específicos, busca-se: (1) identificar os traços linguísticos mais proeminentes na fala espontânea dos falantes que trabalham como comerciantes na feira livre, (2) descrever e (3) discutir esses achados considerando a formação do município em foco. Para atender aos objetivos apresentados, esta pesquisa reúne princípios metodológicos da Sociolinguística (Tarallo, 1997), no que concerne a contingência dos dados (amostra, informantes, perguntas etc.) e da Linguística de *Corpus* (LC - Sardinha, 2000), no que tange a compilação e a exploração de corpora de dados linguísticos. Antes da discriminação dos procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, cabe assinalar a abordagem científica adotada que, por sua vez, orienta as escolhas teórico-metodológicas reunidas para a realização deste estudo.

### 2.1 Tipo, método e técnica científica

Na compreensão da dimensão de uma pesquisa científica, é fundamental ter clareza sobre o tipo, o método e a técnica científica tomada para a sua realização, pois cada um implica em uma orientação, baseada em uma forma de se compreender os fenômenos e os objetos no mundo (Fabiana da Silva Kuark, 2010). À luz dessa perspectiva, esta pesquisa se situa no âmbito das investigações de natureza qualitativa e quantitativa, dado o fenômeno observado: o comportamento linguístico da fala espontânea de comerciantes da feira livre de Ibirapuã. Segundo Kuark, 2010, para realizar uma pesquisa é necessário recortar um tipo. Apenas nesse contexto é que o pesquisador conseguirá definir os procedimentos e instrumentos condizentes com a natureza de sua investigação. Dito isso, esta pesquisa reúne características qualitativas e quantitativas, considerando o fenômeno abordado, qual seja

investigar o comportamento linguístico da fala espontânea dos falantes que trabalham como comerciantes na feira livre de Ibirapuã. Para Kuark (2010):

a pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. Em contraposição, a pesquisa quantitativa considera o que pode ser quantificado (Kuark, 2010, p.26)

Nesta pesquisa, os informantes são investigados dentro do seu contexto de trabalho e, a partir da coleta desses dados, utiliza-se técnicas estatísticas para a análise dos resultados.

O método diz respeito ao caminho adotado para cumprir os objetivos da pesquisa. Os métodos científicos são classificados como **método indutivo, dedutivo e hipotético-dedutivo**. Para a finalidade deste trabalho, utiliza-se o método indutivo, que parte do particular para o geral. O pesquisador observa e identifica padrões, em seguida formula hipóteses e aplica regras conforme os dados obtidos. Francis Bacon foi o primeiro a estabelecer o método indutivo para construção do conhecimento. Segundo ele, esse método é uma *interpretação da natureza*, como oposição a outros teóricos que denominavam de *antecipações da natureza* (Kuark, 2010). Este estudo toma o método indutivo como orientação, ao partir da coleta de dados da língua em uso, por meio da pesquisa de campo, haja vista a identificação de fenômenos específicos daquela região, para posterior análise de dados, tendo em conta teorias orientadoras.

Diante do exposto, esta pesquisa assume a abordagem empírica da pesquisa. Para a coleta de dados, adota a entrevista e a pesquisa de campo em lócus, buscando reunir as informações necessárias para o cumprimento dos objetivos do estudo já elencados. Segundo Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa de campo consiste na observação de fatos e fenômenos que ocorrem espontaneamente seguindo criteriosamente os objetivos preestabelecidos, se opondo a uma simples coleta de dados que ocorre em toda pesquisa. Já a entrevista, segundo Marconi e Lakatos (2003), é “um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional” (p.195). Essa definição mostra que a entrevista não é apenas uma conversa comum, mas uma interação planejada com objetivo claro: obter informações. Para os autores, a entrevista é um procedimento muito utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social. Todo quadro de orientação metodológica apresentado até aqui enquadra os pressupostos teórico-

metodológicos que desenham este estudo, quais sejam: Linguística de *corpus*, *Language into Act Theory* (L-Act) e os parâmetros metodológicos da Sociolinguística.

## 2.2 Linguística de *corpus*

Para Tony Berber Sardinha (2000), A Linguística de *Corpus* (LC) é uma abordagem metodológica que se baseia na coleta e análise de dados linguísticos da língua em uso por meio da compilação de *corpora*. Compromete-se com a exploração da linguagem através de evidências empíricas operadas por meio de computador. Além do uso de corpus para realizar pesquisas sobre dados autênticos, provenientes de interações reais, seja esta escrita ou falada, a LC é usada para o ensino de línguas, sobretudo dentro do campo da Linguística Aplicada. Embora haja uma outra vertente que assuma a LC como campo teórico, este estudo a assume como metodologia e, como tal, é uma ferramenta potente para os estudos sociolinguísticos, lexicais, discursivos e gramaticais.

Embora a Linguística de *Corpus* parta obrigatoriamente de uma coletânea de dados linguísticos naturais, legíveis por computador, ou seja, de um *corpus*, nem todo conjunto de dados é considerado um *corpus* dentro da LC. Existem inúmeras definições de *corpus*, como por exemplo:

uma coletânea de textos naturais ('naturally occurring'), escolhidos para caracterizar um estado ou variedade de linguagem (Sinclair, 1991, p. 171); [Corpus é] um corpo de linguagem natural (autêntica) que pode ser usado como base para pesquisa linguística. (Sinclair, 1991, p. 171)

Como podemos observar, nenhuma destas definições cabe dentro das premissas da LC. Para Sardinha (2000), a definição de corpus que se enquadra dentro do campo advém de Aquilino Sanchez (1995), a qual é posta nos seguintes termos:

Conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise (Sanchez, 1995 *apud* Sardinha, 2000, p.338).

A definição proposta por Sanchez (1995) contempla premissas fundamentais da Linguística de *Corpus*, tais como a autenticidade dos textos, o propósito do *corpus*, a composição, a formatação, a representatividade e a extensão. Esses parâmetros são delineados, segundo Sardinha (2000), a partir das seguintes categorias:

- Modo: composto de porções de fala transcritas;
- Tempo: contemporâneo: Representa o período corrente;
- Seleção: de amostragem (sample corpus): composto por porções de textos ou de variedades textuais, planejado para ser uma amostra finita da linguagem como um todo;
- Conteúdo: regional ou dialetal: os textos são provenientes de uma ou mais variedades sociolinguísticas específicas;
- Finalidade: de estudo: o corpus que se pretende descrever.

Como pudemos observar, essa abordagem metodológica permite não apenas uma descrição mais precisa das variedades linguísticas dos trabalhadores da feira livre de Ibirapuã-BA, mas também contribui para uma análise das especificidades linguísticas de maneira contextualizada, considerando a formação histórica do município. Nesse contexto, apresentamos os termos do corpus desta pesquisa:

**Tabela 1:** Critérios de compilação do *corpus*

Critérios de compilação do corpus de estudo		
Modo	Falado	Porções de falas transcritas
Tempo	Contemporâneo	Representa o período corrente
Seleção	Amostragem	O corpus é composto por porções de textos ou de variedades textuais, planejado para ser uma amostra finita da linguagem como um todo ( <i>sample corpus</i> ):
Conteúdo	Regional ou dialetal	Os textos são provenientes de uma ou mais variedades sociolinguísticas específicas
Finalidade	Estudo	Investigar o comportamento linguístico da fala espontânea dos falantes que trabalham como comerciantes na feira livre de Ibirapuã/BA.

**Fonte:** Elaborado pela autora.

### 2.2.1 Concordanciador *AntConc*

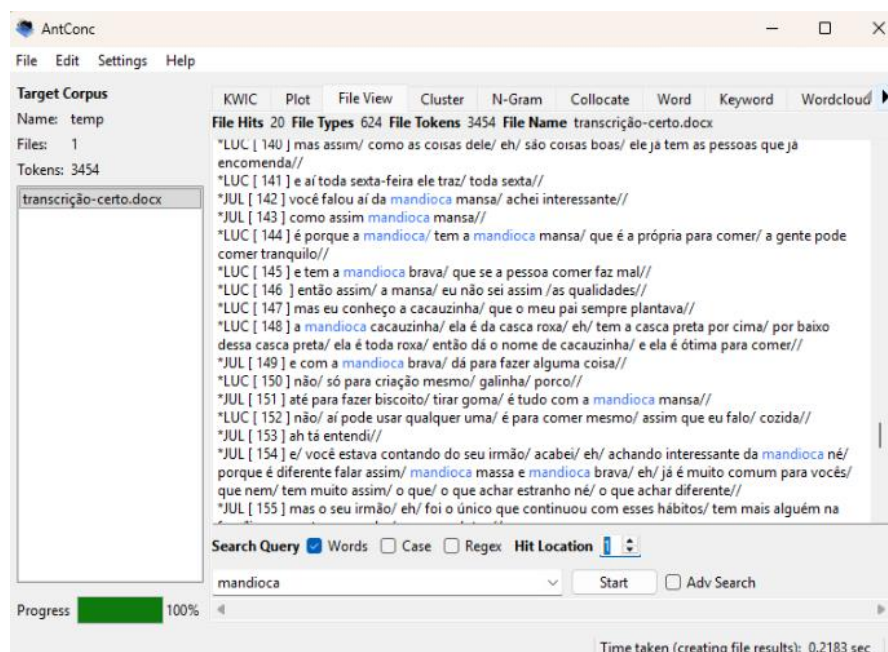
Como vimos anteriormente, a Linguística de *Corpus* utiliza o computador para a compilação de *corpora*. Diante disso, utilizamos neste estudo a ferramenta computacional *AntConc* (Anthony, 2020), uma plataforma gratuita para análise textual, que permite identificar padrões lexicais ou gramaticais, analisar a frequência de certas formas ou estruturas e captar fenômenos, a exemplo de repetições e hesitações, presentes nos arquivos transcritos etc. O *AntConc* foi desenvolvido por Laurence Anthony (2020), professor da Waseda University, no Japão. Este software é ideal para a natureza deste estudo, pois possibilita aplicar as principais técnicas da Linguística de *Corpus* para a investigação de

dados linguísticos, como a geração de **concordâncias (KWIC)**, a elaboração de **listas de frequência** que revelam os termos mais recorrentes, a identificação de **palavras-chave** em comparação com outros corpora, a análise de **colocações e clusters (n-grams)** que evidenciam combinações recorrentes, além da **análise de dispersão**, que permite verificar a distribuição dos itens lexicais ao longo do corpus (Anthony, 2020). É amplamente utilizado por pesquisadores nas áreas de linguística, ensino de línguas, tradução, análise do discurso, entre outras.

A ferramenta computacional *AntConc* possui 04 megabytes, portanto, pode ser armazenado facilmente no computador ou *pen-drive*, lembrando que só pode ser executado em computadores desktop, e não em dispositivos móveis como o celular (Anthony, 2020). Pode ser operado em dispositivos como o *Windows*, *Mac* e *Linux*. Este *software* apresenta as seguintes funções: 1- word list; 2- concordance; 3- concordance plot; 4- File View; 5- Clusters; 5- Collocates; 6- Keyword list.

Para demonstração da interface do *AntConc* juntamente com as linhas de concordância, apresentamos a figura abaixo:

**Figura 2:** Demonstração da ferramenta *Concordance*



Fonte: Elaborado pela própria autora

Na figura 2 conseguimos ver a palavra *mandioca* em destaque juntamente com a sua estrutura sintática proporcionada pelo gráfico *concordance*.

### 2.3 Parâmetros para a compilação de um *corpus* de fala espontânea: *Language into Act Theory*

Esta pesquisa tem a fala espontânea como objeto de estudo, portanto, adota-se as premissas da *Language into Act Theory* (L-Act, doravante Teoria da Língua em Ato) para a compilação do *corpus*. A Teoria da Língua em Ato (TLA) é herdeira da Teoria dos atos de fala proposta por Austin (1962), a qual entendia que a fala não apenas transmitia informações, mas também ações. Segundo Emanuela Cresti (2000), a TLA é uma teoria *corpus driven*, ou seja, induzida por *corpora*. Tal postura marca a sua natureza empírica, ou seja, sua análise e postulados parte da observação de dados reais, da língua em uso (falada ou escrita), cujos padrões são passíveis de identificação.

Nesse sentido, Raso (2012) reitera que a TLA se organiza como uma abordagem pragmática a partir das ocorrências da fala espontânea, isto é, uma perspectiva que privilegia o uso da linguagem em contextos reais de interação, cuja unidade de referência é o enunciado, ou seja, uma sequência de palavras que cumpre uma função comunicativa completa em determinada situação (Raso, 2012). Nesse contexto, o conceito de ato ilocutivo torna-se central, pois refere-se à intenção do falante ao emitir o enunciado, o que ele busca realizar com suas palavras, seja informar, solicitar, prometer ou advertir, independentemente da forma gramatical utilizada (Raso, 2012). Completa o autor:

Esse tipo de análise pressupõe, portanto: i. que primeiro seja individualizada a unidade ilocucionária; ii. que dentro dessa unidade seja individualizada a sua estrutura informacional; e iii. que somente dentro da unidade informacional seja possível uma análise sintática. (Raso, 2012, p.92).

Portanto, é notável a importância da ilocução, “a ilocução é mais importante para a decisão do sentido do que a estrutura morfosintática e o conteúdo semântico” (Raso, 2012, p.99). Diferentemente de outras abordagens tradicionais da linguagem, que começam pela análise da estrutura gramatical e só depois buscam compreender o sentido do enunciado, a TLA parte do valor comunicativo do enunciado para compreender a intenção do falante, para, só então, interpretar sua forma linguística. Ou seja, a análise começa pelo que o enunciado realiza no contexto comunicativo, sua função, efeito e propósito, e só depois se atém à organização formal das palavras e à sintaxe.

Para tanto, é importante entendermos qual é a unidade de referência adotada por esta teoria. Segundo Raso (2012, p.92), “a TLA identifica a unidade de referência da fala na dimensão do enunciado. A necessidade de se identificarem unidades de referência fica clara se analisarmos um trecho qualquer de uma transcrição de um texto falado”. Portanto, a

unidade de referência identificada na fala espontânea é o enunciado, como apresentado acima. Raso (2012) acrescenta que a unidade de referência da escrita é a sentença, apresentando assim uma divergência/diferença entre fala e a escrita. Este tipo de variação denomina-se **variação diamésica**, como já citado neste trabalho, ou seja, refere-se a ideia de vários meios ou códigos, a diferença na fala e na escrita. Raso (2012, p.179) salienta que “enquanto na fala, a língua estrutura-se em unidades pragmáticas, delimitadas pela entonação, na escrita, a língua organiza-se em unidades sintáticas, delimitadas pela pontuação”. Cresti (2005) acrescenta que a organização da língua falada no nível lexical é diferente da escrita, enquanto produzimos mais verbos na fala, na escrita, a produção dos substantivos é maior.

Em seu estudo, Crysna Bomjardim da Silva Carmo (2017, p.46) afirma que “a natureza do enunciado é pragmático-discursiva, e não semântico-sintática”, ou seja, um enunciado pode ser definido como unidade linguística mesmo não obedecendo a regras sintáticas, por exemplo: um enunciado não precisa obrigatoriamente ter um verbo para ter o seu status reconhecido. Nessa mesma perspectiva de compreender a linguagem para além da estrutura sintática, Austin (1962) defende que o ato de fala é uma unidade complexa resultante de três atos simultâneos: locutivo, ilocutivo e perlocutivo. Completa o autor:

O ato locutivo corresponde à produção linguística em si (a ação de fala). O ato ilocutivo corresponde à ação realizada por meio da fala (a intenção do falante expressa numa ordem, pedido, promessa etc). O ato perlocutivo corresponde ao desejo do falante dirigido ao interlocutor, o qual parte de uma imagem mental. (Austin *apud* Carmo 2017, p.46)

Dessa forma, destacamos o princípio ilocutivo, pois refere-se à produção simultânea de três atos, o **ato locutivo**, a produção linguística em si, as palavras ditas, o **ato ilocutivo**, a intenção comunicativa por trás do enunciado e o ato perlocutivo, que se refere aos efeitos ou consequências que o enunciado produz no interlocutor, podendo influenciar sentimentos, ações, interpretações ou comportamentos. Carmo (2017) ressalta a natureza pragmático-discursiva do enunciado, sem restrições morfossintáticas na sua realização.

Em virtude dos apontamentos feitos, Carmo (2017), considera que a *Language into Act Theory* coloca a prosódia no centro da sua abordagem. Por conseguinte, a autora conceitua a prosódia nos seguintes termos: compreende-se a camada suprasegmental da fala que engloba tudo o que se encontra acima do nível segmental (fones)” (Carmo, 2017, p.48). Ou seja, a prosódia estuda tudo aquilo que envolve os fones isolados, em outras palavras, aquela “musiquinha” que marca a língua falada. Enquanto os fones são as unidades mínimas de som da fala, como as vogais e consoantes individualmente, a prosódia trata da maneira

como esses sons são organizados no tempo e no espaço da fala. Considerando a fala como fruto das intenções e ações comunicativas do falante, é importante destacar que a categoria mais importante da pragmática é a **entonação**, pois esta permite distinguir as diferentes formas de mensagens.

Além disso, deve-se considerar as pausas que ocorrem dentro do enunciado, chamadas de fronteiras **prosódicas**, as quais são identificadas em dois tipos: fronteira **prosódica terminal** - que apresenta valor conclusivo; e a fronteira **prosódica não terminal** - que não apresenta valor conclusivo (Carmo, 2017). Para demonstração, observamos um exemplo retirado de um *corpus* de fala espontânea do C- ORAL BRASIL (Raso; Mello, 2012):

#### Exemplo 1

*\*ALO: mas os filho também nu são fácil também / juntou os filho todo / foram lá e trouxeram o corpo na força //*

As fronteiras prosódicas são sinalizadas com as barras: a barra simples [/] significa uma fronteira prosódica não terminal, já a dupla barra [//] sinaliza uma fronteira prosódica terminal. No exemplo 1 ocorreu apenas uma quebra terminal, mas, o enunciado pode apresentar outras formas. Vejamos o exemplo 2:

#### Exemplo 2

*\*SIL: tava no jornal // de ontem //*

Segundo Raso (2012), uma fronteira terminal não coincide necessariamente com uma pausa. Entretanto, conclui o autor: “não é, portanto, possível analisar a fala sem o recurso do som, nem é possível transcrevê-la sem se marcarem as unidades de referência nas quais ela deve ser dividida” (Raso, 2012, p.58). Sendo assim, para analisar a fala é preciso ouvir seu som real, levando em conta a entonação, pausas, ritmo etc. De acordo com Carmo (2017, p.49-50), “o enunciado é considerado simples quando não apresenta unidades internas, ao passo que é considerado complexo quando apresenta tais unidades”. Observemos os exemplos a seguir:

*(3a) bfamcv02,1,RUT,"e a Dani /=COB= já escolheu os padrim do casamento //COM*  
*(3b) bfamcv02,3,TER,"inda < nada > //COM*

Em 3a temos um enunciado complexo, pois apresenta mais de uma fronteira interna. Já em 3b, o enunciado é simples, pois apresenta apenas uma fronteira terminal. Carmo (2017)

destaca que as fronteiras prosódicas apresentam duas dimensões: uma prosódica, na qual a quebra terminal ou não terminal é definida como unidade tonal; e outra informacional, nesse caso a quebra é definida como unidade informacional. Sendo assim, todo enunciado apresenta pelo menos uma unidade tonal e uma unidade informacional. A unidade informacional base é chamada de comentário (COM). Esse entendimento reforça a importância da segmentação prosódica como base para a análise da fala espontânea e evidencia como a Teoria da Língua em Ato permite acessar, de forma sistemática, as camadas estruturais e comunicativas que compõem o enunciado. Contudo, neste estudo, focaremos no material linguístico produzido dentro dos enunciados. Nesse contexto, importa a delimitação das fronteiras prosódicas.

## 2.4 Parâmetros metodológicos da Sociolinguística

Como já vimos anteriormente, a Sociolinguística investiga o fenômeno linguístico dentro do seu contexto de uso, considerando fatores extralinguísticos como: faixa etária, sexo do informante e escolaridade, entre outros. Entretanto, pode haver diferenças linguísticas entre os membros de uma mesma comunidade de fala, que embora compartilhem da mesma língua, podem apresentar particularidades conforme determinados fatores extralinguísticos: como por exemplo a diferença de idade, enquanto os mais jovens dizem “deu bom” e “crush”, as pessoas mais velhas costumam dizer “deu certo” e “paquera”. Diante desse pressuposto, este trabalho busca analisar a fala espontânea dos trabalhadores de Ibirapuã-Ba considerando a existência de traços linguísticos específicos que podem revelar muito sobre a identidade histórica do município. Uma vez definido o município em foco e os objetivos, a seguir apresentamos os seguintes passos metodológicos, orientados por Raquel Freitag (2017) em sua obra *Documentação Sociolinguística*. Antes, todavia, a autora chama a atenção para alguns conceitos importantes para fins de pesquisa: Conforme a autora, o “Informante: é o participante da pesquisa. Documentador: é o pesquisador de campo que irá realizar os protocolos” (Freitag, 2017, p.19). Freitag reitera que termos como questionários, entrevista sociolinguística e roteiro são de interesse do documentador, o informante deve apenas estar ciente sobre a pesquisa, procedimento realizado através de uma conversa. A seguir, apontamos os passos para a realização da pesquisa:

**1º passo** (seleção dos informantes): o informante selecionado deve estar dentro do grupo social pertencente ao contexto de pesquisa, ou seja, trabalhadores da feira livre de Ibirapuã - BA que residem ou nasceram no município. Após selecionado o informante, é realizada uma prévia, considerando o envolvimento do informante com

o local e a possibilidade de gravação. Freitag (2017) orienta que o informante deve concordar e estar apto para a gravação. A pesquisa deve iniciar com perguntas básicas para introduzir a conversa, além disso o documentador deve utilizar de estratégias para quebrar o “gelo”.

**2º passo** (procedimentos para a gravação): é escolhido um local onde o informante se sente seguro para falar, a exemplo de sua residência. Segundo Freitag (2017) o local deve deixar o informante à vontade, e ao mesmo tempo ter boas condições de isolamento acústico para a gravação. Para a coleta de dados deve ser selecionado um gravador<sup>1</sup> de boa qualidade. Antes de iniciar a gravação, é necessário testar o aparelho, depois segue-se os seguintes protocolos: checagem, entrevista sociolinguística, questionário de percepções e atitudes linguísticas. A checagem, como já pontuado, busca conferir se as perguntas básicas para a formulação do perfil do informante estão adequadas. A entrevista sociolinguística é a fonte utilizada para se obter os dados linguísticos, bem como os diferentes traços linguísticos na fala, tendo em vista as possibilidades de pesquisa.

**3º passo** (tipos de texto/sequência discursiva): durante a entrevista busca-se desencadear outras sequências discursivas além da narração, como a descrição de uma receita, o manual para chegar até um lugar e a opinião do informante mediante algumas questões. Sempre com foco na fala do entrevistado.

**4º passo** (descrição): após a entrevista, deve-se realizar uma descrição para a catalogação das variáveis identificadas no contexto de fala.

**5º passo** (levantamento de hipóteses): a partir dos dados coletados, é preciso levantar hipóteses relacionadas a fatores linguísticos - na presente pesquisa, fenômenos morfológicos considerando a formação do município.

**6º passo** (transcrição e análise): nesta pesquisa, é utilizada a ferramenta computacional AntConc para o tratamento e análise estatística dos dados.

Por fim, uma vez cumprida as etapas metodológicas estabelecidas pela junção de parâmetros vindos da Linguística de *Corpus* (Sardinha, 2000) e da Sociolinguística (Freitag, 2017, passamos para a próxima seção que se dedica a análise dos dados.

---

<sup>1</sup> utilizamos o gravador *Zoom H6 Handy Recorder* (gravador e reproduzidor) com um cartão de memória de 2GB.

### 3. CORPUS DO TRABALHO: ANÁLISE DE DADOS

Esta pesquisa busca investigar e analisar os traços linguísticos mais proeminentes na fala espontânea de trabalhadores da feira livre de Ibirapuã- BA. A análise está fundamentada na *Language into Act Theory* (L-Act), que privilegia o estudo da fala espontânea como manifestação concreta da ação comunicativa. Através do estudo da fala espontânea, é possível identificar o léxico como fonte significativa para compreender os saberes tradicionais e a identidade do município de Ibirapuã.

#### 3.1 Perfil sociolinguístico do sujeito de pesquisa

Para realizar esta pesquisa foi selecionada uma informante nascida e crescida em Ibirapuã-BA. Filha de pais oriundos do município, a escolha da informante se deu devido ao seu grande vínculo com o local, que além de ver o crescimento da cidade, pôde vivenciá-la através de seus pais. Na Tabela 2, temos os dados da informante da pesquisa:

**Tabela 2:** Metadados do Participante:

Metadados do participante	
Origem	Ibirapuã- BA
Sexo	Feminino
Idade	48 anos
Escolaridade	Ensino superior
Ocupação	Agente comunitária de saúde e sacoleira
Outras informações	- ex-feirante, trabalhou na feira desde os 10 anos de idade; - casada; - mãe de dois filhos; - pertence a uma família de 07 irmãos, todos nascidos na roça, município de Ibirapuã/ BA.

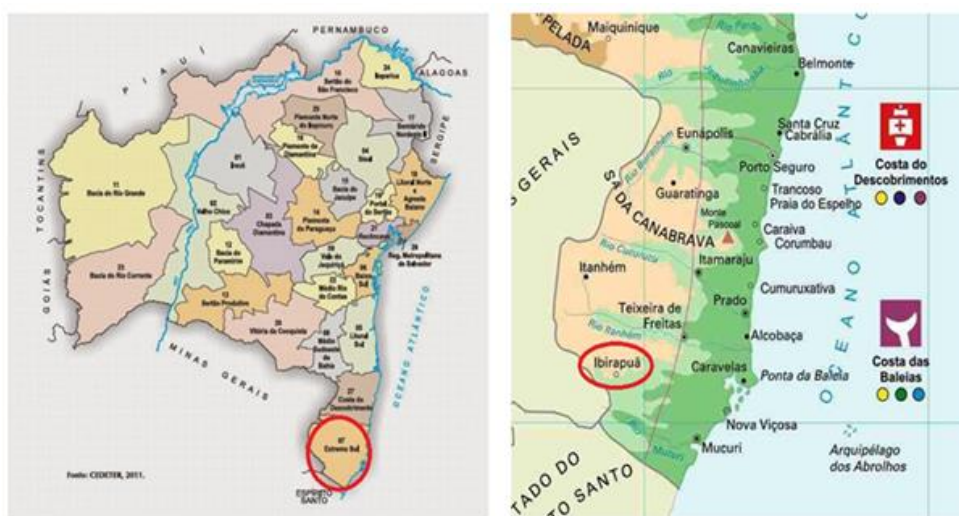
**Fonte:** Elaborado pela própria autora.

Na tabela acima, temos o perfil sociolinguístico da informante, delineado nos seguintes termos: mulher, 48 anos, natural do município de Ibirapuã-BA, ensino superior completo, agente comunitária de saúde e sacoleira. Esse perfil que soma origem, vínculo com o trabalho da feira e a convivência com os diversos habitantes da região, asseguram a presença de marcas linguísticas local. Em outras palavras, a fala espontânea da participante revela traços lexicais enraizados na tradição regional, permitindo observar como os contextos sociais constituem e influenciam diretamente as escolhas linguísticas.

### 3.2 A comunidade de fala do sujeito da pesquisa: Ibirapuã- BA.

Embora tenha uma emancipação recente, a história de Ibirapuã-BA teve início há muito tempo atrás. Por volta de 1945, a região já era visitada pela Estrada de Ferro Bahia-Minas, que saía de Ponta de Areia (Caravelas/BA), atravessava a fronteira sul do município para chegar ao estado de Minas Gerais (IBGE, 2024). Essas transações intensificaram o trânsito de exploradores e povos indígenas pelo local, que evidentemente ajudaram a constituir o que viera a ser Ibirapuã/BA.

Figura 3: Mapa da Identidade dos Territórios de Identidade da Bahia e Mapa de localização de Ibirapuã - BA<sup>2</sup>



Embora tenha uma emancipação recente, a história de Ibirapuã-BA teve início há muito tempo atrás. Por volta de 1945, a região já era visitada pela Estrada de Ferro Bahia-Minas, que saía de Ponta de Areia (Caravelas/BA), atravessava a fronteira sul do município para chegar ao estado de Minas Gerais (IBGE, 2024). Essas transações intensificaram o trânsito de exploradores e povos indígenas pelo local, que evidentemente ajudaram a constituir o que viera a ser Ibirapuã/BA.

### 3.3 Caracterização do *Corpus* de trabalho

O *corpus* desta pesquisa foi retirado de uma entrevista sociolinguística, seguindo os critérios propostos pela Linguística de *Corpus*. Considerando que o objetivo principal deste trabalho é investigar o comportamento linguístico dos trabalhadores da feira livre de Ibirapuã

<sup>2</sup> Disponíveis em: <https://coegemas.blogspot.com/p/territorios-de-identidade-ba.html>  
<https://bahia.ws/cachoeira-dos-catabrigas/>

– BA à luz da sociolinguística, o *corpus* é caracterizado como de amostragem, pois contempla uma porção de linguagem falada; apresenta tamanho finito, recortado dentro do ano de 2025. O objetivo é evidenciar traços de identidade dos falantes e de sua comunidade de fala, considerando a influência de fatores como sexo/gênero, idade, nível de escolaridade e condição socioeconômica. Quanto aos números brutos, o corpus de estudo resulta da compilação dos dados extraídos de uma entrevista informal, com tempo de gravação de 24m43s (vinte e quatro minutos e quarenta e três segundos). A seguir, apresentamos as medidas que compõem o corpus desta pesquisa:

**Tabela 3:** Números do *corpus*

Dados do corpus de estudo: números	
Enunciados	172
Número de palavras ( <i>tokens</i> )	3454
Tipos de palavras	624

**Fonte:** Elaborado pela própria autora.

O *corpus* de estudo possui 172 enunciados, 3.452 palavras e 624 tipos de palavras. Essa distribuição ocorre de acordo com as necessidades comunicativas do falante, por exemplo: a conjunção “que” aparece 135 vezes no *corpus*, já o substantivo “goma” aparece 42 vezes. Cabe destacar que o Corpus do trabalho foi transcrito segundo a *Language into Act Theory* (seção 2.3 deste trabalho). Desta forma, o corpus se organiza a partir de enunciados, entendidos como unidades de referência da fala espontânea, segmentados por fronteiras prosódicas.

### 3.4 *Corpus* de estudo: análise de dados

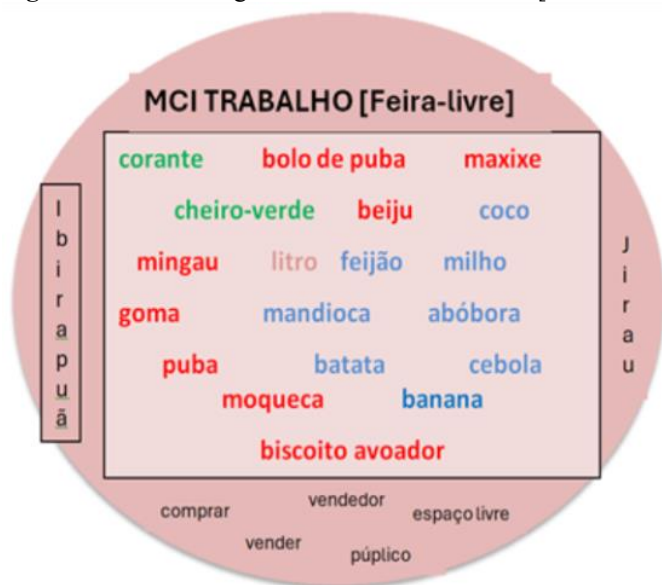
A análise dos dados parte da identificação de elementos linguísticos que configuram o domínio de conhecimento associado à “feira livre”, que se expande para além da feira como espaço físico. Para isso, foram selecionadas palavras que possibilitam observar os processos de formação do léxico relacionado a esse universo. Tais escolhas permitem não apenas compreender as práticas linguísticas locais, mas também evidenciar aspectos da história de Ibirapuã, uma vez que o vocabulário utilizado carrega marcas da memória coletiva e das relações socioculturais construídas ao longo do tempo.

### **3.5 Modelo Cognitivo Idealizado da Feira Livre – MCI/Feira Livre**

Para orientar a análise conceitual dos dados, utilizamos a teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), proposta por Lakoff e Johnson (2002[1987]). Os MCIs consistem em estruturas cognitivas compartilhadas social e culturalmente, que organizam o conhecimento humano e possibilitam a compreensão de conceitos abstratos a partir de experiências concretas. Desse modo, a linguagem não é vista como um simples repositório de regras gramaticais, mas como reflexo das formas de categorizar o mundo e atribuir sentido às experiências cotidianas. Esse modelo teórico possibilita compreender como os falantes organizam e estruturam mentalmente determinados domínios de conhecimento, os quais têm como função ordenar o nosso conhecimento de mundo compartilhado socialmente, como aponta o próprio autor. Nesse sentido, os Modelos Cognitivos Idealizados integram vivências cotidianas e múltiplos contextos sociais, funcionando como esquemas mentais que orientam nossa atuação em diferentes ambientes, como o trabalho, a escola, a igreja, a praia, os hospitais e as feiras livres. É fundamental reconhecer, contudo, que esses modelos são dinâmicos: estão sujeitos a mudanças ao longo do tempo e podem refletir interpretações diversas e até contraditórias sobre um mesmo aspecto da realidade (Lakoff e Johnson, 2002[1987]).

Dessa forma, existe um MCI específico para a feira livre, que representa o conhecimento e as experiências que as pessoas têm desse espaço social e cultural. Entretanto, o MCI da feira pode variar conforme a comunidade no qual ele está inserido, conforme Deilma Silva (2024), ao descrever o MCI da feira livre de Teixeira de Freitas/BA em sua dissertação. Ou seja, cada grupo social pode ter uma forma um pouco diferente de entender e organizar mentalmente o conceito de feira livre, porque suas experiências, costumes e práticas são distintas. Mesmo com essas variações, há uma base conceitual comum que é reconhecida por todos, pois a feira livre é uma realidade cultural presente em muitas comunidades humanas. Por exemplo o MCI da feira livre de Teixeira de Freitas pode ser um pouco diferente do MCI da feira livre de Ibirapuã-BA, entretanto, ambos compartilham uma mesma base conceitual, pois a ideia essencial de feira livre, como espaço de comércio e interação social, é reconhecida de forma semelhante em diferentes comunidades. A partir dessa abordagem cognitiva, é possível pensar um MCI da feira livre de Ibirapuã-BA, que contempla a forma como as informações sobre esse ambiente são organizadas, representadas e processadas mentalmente por essa comunidade, tal como pode ser observada na Figura 3 abaixo:

**Figura 4.** Modelo Cognitivo Idealizado Trabalho [Feira-Livre]



**Fonte:** Elaborado pela própria autora.

Na Figura 4 acima, podemos visualizar o modelo de Modelo Cognitivo Idealizado da feira-livre de Ibirapuã/BA. Antes de explorarmos a sua especificidade, cabe destacar que a base de qualquer MCI de uma feira-livre envolve, numa espécie de base ou segundo plano “participantes e cenas obrigatórias em qualquer interação comercial (comprar, vender, produtos diversos, vendedores, compradores, público, espaços livres)”, tal como pontua Silva (2024, p.99). Já no primeiro plano, considerando os itens lexicais que aparecem no corpus de estudo desta pesquisa, podemos categorizá-los em pelo menos 4 grupos gerais: 1) **temperos** que englobam os condimentos e ervas usados na culinária (*corante, cheiro-verde*); 2) **unidades de medidas** referentes às formas e padrões utilizados para quantificar os produtos (*litro*); 3) **produtos agrícolas** compostos pelos alimentos e matérias-primas cultivadas ou produzidas diretamente na roça (*mandioca, batata, banana, abóbora, maxixe, coco, feijão, milho e cebola*), e 4) **produtos manufaturados**, ou seja, itens processados ou preparados a partir dos produtos agrícolas, prontos para consumo ou comercialização (*goma, puba, moqueca, biscoito avoador, bolo de puba, beiju, mingau*). Essa categorização possibilita uma melhor compreensão da diversidade dos itens comercializados e das práticas associadas ao contexto da feira livre de um município, marcado pela produção rural, e é dentro deste panorama que selecionamos alguns termos significativos que envolvem aspectos cognitivos na identificação de um dos principais produtos que envolvem a sua economia, bem como aspectos históricos da formação da comunidade - os quais foram encontrados no *corpus* de estudo.

Para complementar a análise lexical, recorreremos aos significados registrados em dicionários de referência para cada um dos termos identificados no *corpus*. A começar pelos termos encontrados no Mini dicionário Aurélio (Ferreira, 2009):

Corante: adj2g.*sm*. Que ou substância que cora. (p.268)  
Cheiro verde: *sm*. Temperos verdes, como salsa, cebolinha e coentro. (p.230)  
Litro: *sm*. 1. Unidade de medida de capacidade igual a um decímetro cúbico. 2. Garrafa de litro. (p.520)  
Mandioca: *sf*. 1. *Bot*. Planta euforbiácea de tubérculos alimentícios que servem para fazer farinha de mesa, etc; há tb. Espécies venenosas. 2. O tubérculo dessa planta. [Sin.ger.: *aipim*, *macaxeira*.] (p.534)  
Batata: *sf*. 1.O tubérculo comestível da batata-inglesa. 2. Qualquer tubérculo, comestível ou não. (p.169)  
Milho: *sm*. 1. Cereal (2) us. na alimentação. (p.554)  
Coco: *sm*. *Bot*.1. Nome comum a várias palmáceas. 2. O fruto delas, esp. o do coqueiro-da-baía. 3. Cabeça (1). (p.242)  
Cebola: *sf*. 1. *Bot*. Erva bulbosa liliácea, codimentosa, de cheiro e sabor acres. 2. O bulbo desta planta. 3. Bulbo qualquer. (p.223)  
Abóbora: *sf*. 1. O fruto, edule, da aboboreira; jerimum. (p.82)  
Banana: *sf*. 1.O fruto da bananeira; pacova. 2.Bras. Cartucho de dinamite. (p.164)  
Feijão: *sm*. 1. Semente de feijoeiro. 2. Feijoeiro. 3. O feijão cozido. 4. P. ext. Alimento. (p.400)  
Maxixe: *sm*. Bras. O fruto do maxixeiro. (p.543)  
Mingau: *sm*. Bras. Papa de farinha de trigo ou outro cereal, ou de mandioca etc. (p.555)  
Beiju: *sm*. Bras. Bolinho achatado, de massa de tapioca ou de mandioca, do qual há muitas espécies. (p.172)  
Moqueca: *sf*. Bras. Guisado, ger. de peixe ou mariscos. (p.563)  
Goma: *sf*. 1. Seiva translúcida e viscosa dalguns vegetais. 2. Cola feita com farinha de trigo etc e água. 3. Preparado para engomar roupa, feito com água e amido. (p.436)  
Ji.rau: *sm*. Bras. 1. Armação de madeira sobre a qual se constroem casas. 2. Qualquer armação de madeira em forma de estrado ou palanque. (p. 496)  
Puba: A mandioca posta na água ou enterrada na lama até amolecer e fermentar. (Dicionário Online de Português (2025).

As expressões *bolo de puba* e *biscoito avoador* não aparecem nas fontes dicionarizadas por se tratarem de combinações lexicais, ou seja, formações compostas por mais de uma palavra, que designam produtos específicos da culinária regional. Concluimos que os dicionários tendem a registrar apenas unidades lexicais simples (*puba*, *biscoito*), e não combinações ou nomes populares formados no uso cotidiano. Portanto, nem todos os termos identificados no *corpus* apresentam seu sentido registrado nos dicionários consultados. Diante disso, selecionamos dois desses vocábulos não registrados para uma análise mais detalhada, buscando compreender tanto os aspectos cognitivos envolvidos em sua identificação quanto os traços históricos que permeiam sua circulação na comunidade.

### 3.6 Análise lexical

Para realizar a análise dos dados, esta pesquisa seleciona os termos *mandioca* e *jirau*. Ambos os termos são de origem indígena: o primeiro se identifica um tipo de raiz, que serve de matéria-prima na produção de diversos produtos, muitos utilizados, inclusive, também vendidos na feira, conforme a informante; já o segundo, diz respeito a um tipo de estrutura presente no processo de secagem de muitos produtos resultantes do processamento da mandioca, a exemplo da goma.

#### 3.6.1 Mandioca Mansa e Mandioca Brava

Começamos a análise do *Corpus* de Trabalho pelo item lexical *mandioca*. Termo presente no MCI acima, mandioca não apenas é identificado pela participante, como também é especificado em dois tipos: *mandioca mansa* e *mandioca brava*. Isso pode ser observado no Excerto 1 a seguir:

##### Excerto 1:

- \*LUC [144] é porque a mandioca/ tem a mandioca mansa/ que é a própria para comer/ a gente pode comer tranquilo//
- \*LUC [145] e tem a mandioca brava/ que se a pessoa comer faz mal//
- \*LUC [146] então assim/ a mansa/ eu não sei assim /as qualidades//
- \*LUC [147] mas eu conheço a cacauzinha/ que o meu pai sempre plantava//
- \*LUC [148] a mandioca cacauzinha/ ela é da casca roxa/ eh/ tem a casca preta por cima/ por baixo dessa casca preta/ ela é toda roxa/ então dá o nome de cacauzinha/ e ela é ótima para comer//
- \*JUL [149 ] e com a mandioca brava/ dá para fazer alguma coisa//
- \*LUC [150] não/ só para criação mesmo/ galinha/ porco//
- \*JUL [151] até para fazer biscoito/ tirar goma/ é tudo com a mandioca mansa//
- \*LUC [152] não/ aí pode usar qualquer uma/ é para comer mesmo/ assim que eu falo/ cozida//
- \*JUL [153] ah tá entendi//

Nos dicionários encontramos apenas a acepção de mandioca, mas não a diferença apresentada pela informante. Se verificarmos o Mini Dicionário Aurélio (Ferreira, 2009) encontraremos a seguinte definição:

**Mandioca:** sf. **1.** Bot. Planta euforbiácea de tubérculos alimentícios que servem para fazer farinha de mesa, etc; há tb. Espécies venenosas. **2.** O tubérculo dessa planta. [Sin.ger.: *aipim*, *macaxeira*.] (p.534).

A mesma situação, encontramos no universo online, a exemplo do Dicionário online de Português (2025) na figura 4:

Figura 5: Significado de Mandioca pelo Dicionário Online de Português



Fonte: Retirado da Internet.<sup>2</sup>

Em ambos os casos não identificamos o substantivo *mandioca* associado aos adjetivos *manso* e *brabo* (*bravo*), muito utilizado na fala dos moradores de Ibirapuã-BA, mas que não se apresenta nas fontes oficiais de significados. Para explicar o porquê desta ocorrência, partiremos do processo de formação da palavra para explicar o uso do termo.

A palavra *mandioca* é reconhecida nacionalmente. Em alguns lugares utiliza-se a variação *macaxeira* ou *aipim* para identificar o mesmo tubérculo. Em Ibirapuã-BA, o termo *mandioca* está presente na memória afetiva dos trabalhadores da feira livre, pois desde o início envolve parte significativa da economia local. A seguir, veremos as imagens que correspondem à palavra em estudo:

**Figura 6:** Mandioca



Fonte: Retirada da Internet<sup>3</sup>

Contudo, quando procuramos no *Google Imagens*, por “mandioca mansa” e “mandioca brava”, as imagens aparecem tal como podemos observar na figura 6 abaixo:

**Figura 7:** Mandioca mansa e mandioca brava



Fonte: Retirada da Internet<sup>4</sup>

Como se pode notar, a imagem corresponde a um vídeo no canal do Youtube, explicando a origem e a diferença dos tipos. Ou seja, embora os dicionários não apresentem os tipos de mandioca, outros canais o fazem, demonstrando, inclusive, que este é um conhecimento presente nas comunidades tradicionais. A questão fundamental que se coloca é: por que essa diferença tão importante não é destacada nos dicionários? Para além disso, porque as comunidades tradicionais resolveram identificá-las como “mansa” e “brava”, uma vez que tais termos são utilizados para adjetivar animais ou o temperamento das pessoas? Nesse contexto, observemos os significados de “manso” e “bravo”, segundo os dicionários Mini Dicionário Aurélio (Ferreira, 2009) e Dicionário online de Português (2025):

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://alimentosesuascuriosidades.blogspot.com/2017/08/mandioca-brava-x-mandioca-mansa.html>.

<sup>4</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=0KC2bH1Ck0o>.

**Manso(a):** *adj.* 1. De índole pacífica; pacato. 2. Sereno, tranquilo. 3. Domesticado; amansado. 4. Não silvestre; cultivado. **De manso.** 1. De modo vagaroso, sereno, pacífico; de mansinho, mansinho. 2. De modo sorrateiro (p.535)

**Brabo(a):** *adj.* 1. Bras. V. *bravo*. 2. De má qualidade. 3. Muito forte, intenso (p.186). (Mini Dicionário Aurélio (Ferreira, 2009)

**Significado de Manso:** Adjetivo. De temperamento fácil; sossegado, tranquilo, calmo, meigo e/ou delicado: sujeito manso.

Em circunstância tranquila; calma: a discussão terminou com uma resolução mansa.

Escassez de movimentação; tranquilo: mar manso.

Que foi amansado ou domesticado: potro manso. Aquilo que se pode cultivar; cultivado: erva-mansa.

**Significado de Brabo:** Adjetivo [Informal] Que é bravo, feroz, selvagem.

Que se envolve facilmente em brigas; brigão.

Que é muito grave, sério: doença braba.

Que não é comestível; venenoso: mandioca braba.

Que faz mal, causa danos, prejuízos; nocivo.

Que não é bom, nem fácil; ruim: tempestade braba.

Que se irrita com facilidade; irado, irascível.

Que se destaca pelo tamanho, por suas extensões e proporções; brutal, crasso: isso foi uma falha braba.

Que não tem competência, nem prática; incompetente: advogado brabo.

Sem capricho, sem cuidado; malfeito, descuidado.

(Dicionário online de Português, 2025)

Se fizermos uma busca no *Google Imagens* sobre os adjetivos “manso” e “bravo”, encontramos as seguintes imagens:

**Figura 8:** Imagens dos adjetivos “manso” e “bravo” conforme *Google Imagens*.



Fonte: Retirada da Internet<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Disponível em: <https://igrejadacidade.net/mansidao/>  
<https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/entretenimento/2017/01/11/fala-muito-palavrao-cientistas-tem-uma-boa-noticia-para-voce.htm>.

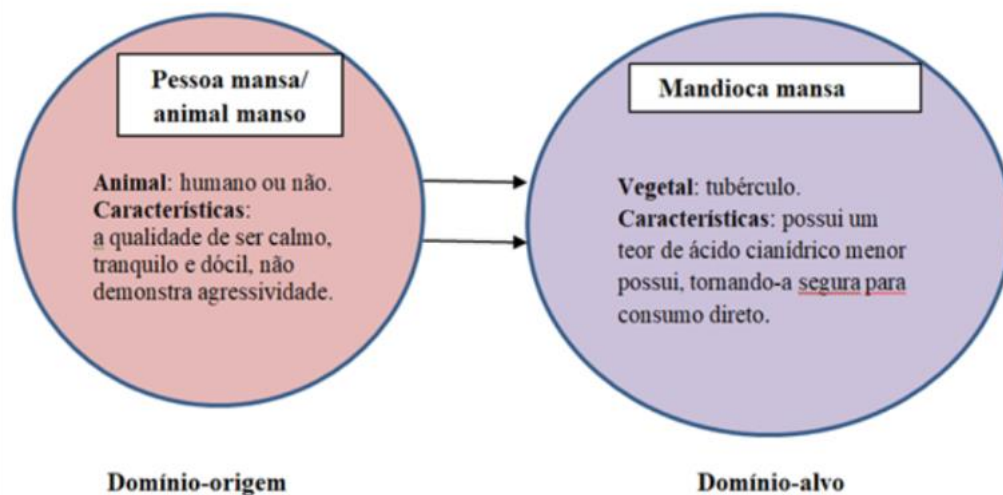
Na Figura 8, à esquerda, vemos a figura de uma criança com uma ovelha nos braços, representando a mansidão e a pureza. Já à direita, identificamos uma mulher brava, com uma expressão de raiva ou estresse. Diante destas figuras, percebemos que as imagens correspondentes a *mansa* e *brava* são de pessoas, ou seja, seres animados. A dúvida em questão é: como os adjetivos *manso* e *bravo* foram atribuídos à mandioca? O uso dos adjetivos *manso* e *bravo* para qualificar a mandioca vai além de uma simples figura de linguagem, configurando um processo cognitivo de construção de sentido. Na perspectiva da metáfora da personificação, conceitos abstratos ou complexos são compreendidos a partir de experiências concretas do cotidiano. Segundo Lakoff (1987, *apud* Silva, 2024, p.100), “nossos processos cognitivos são fundamentados em metáforas, ou seja, estruturamos conceitos abstratos a partir de conceitos mais concretos”. Assim, atribuir *manso* ou *bravo* à mandioca constitui uma extensão metafórica baseada na experiência sensorial, cultural e prática, demonstrando como a cognição humana utiliza conceitos concretos, neste caso, características de comportamento humano para compreender propriedades abstratas de objetos naturais, como o grau de toxicidade do alimento.

Na perspectiva da Linguística Cognitiva, conforme Lakoff e Johnson (2002[1987]), a metáfora não é apenas um recurso estilístico, mas um processo cognitivo central por meio do qual os seres humanos estruturam conceitos abstratos a partir de conceitos mais concretos. Mais especificamente, essa abordagem enfatiza a importância da semântica na análise da linguagem e busca demonstrar o caráter enciclopédico e interpretativo da significação linguística (Dirk Geeraerts, 2007). A centralidade da semântica resulta do papel da linguagem na organização e categorização da experiência: se a linguagem serve para classificar o mundo, a atribuição de significado torna-se o fenômeno principal da comunicação. Ademais, como assinala Geeraerts (2007), a compreensão e a assimilação de novas experiências dependem de conceitos e categorias previamente estabelecidos, que atuam como modelos de referência, paradigmas ou protótipos, permitindo integrar novos sentidos dentro de esquemas já conhecidos. Essa base teórica sustenta a análise de metáforas e personificações na fala espontânea, como a atribuição de características humanas a elementos naturais, fenômeno que se manifesta, por exemplo, nas expressões *mandioca mansa* e *mandioca brava*.

Logo, Lakoff e Johnson (2002[1987]), salienta que a metáfora pode ser entendida como um mapeamento de um domínio de origem a um domínio alvo. Por exemplo da expressão: *o tempo é dinheiro*, o domínio alvo é o *tempo* e o domínio de origem é o *dinheiro*. No campo semântico, o sentido de *dinheiro* como algo valioso, foi atribuído ao *tempo*. Nessa

pesquisa, *mandioca mansa* e *mandioca brava* são os domínios alvo, e pessoas mansas e bravas são os domínios de origem. Para uma melhor representação, observemos as projeções a seguir:

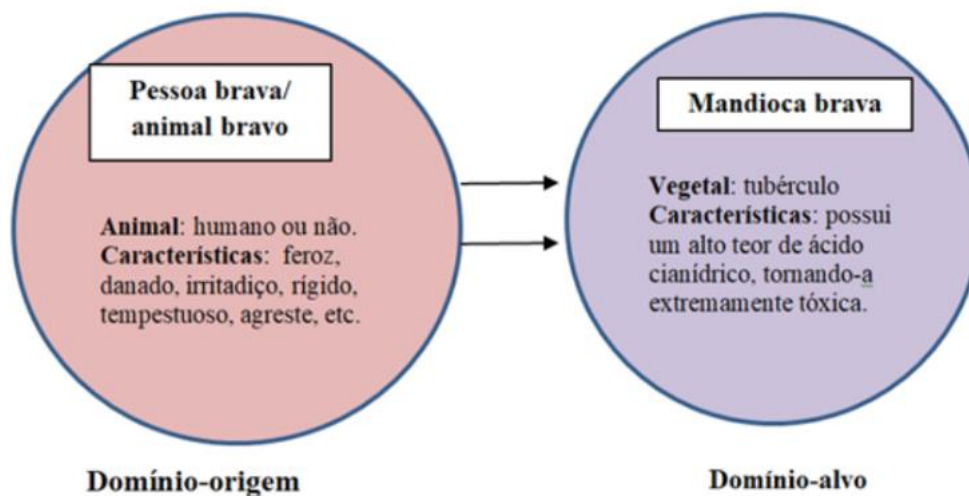
**Figura 9:** Projeção metafórica: mandioca mansa



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Na Figura 9, temos uma projeção metafórica que envolve domínios de conhecimento distintos. De um lado, temos um **domínio-alvo** formado por *mandioca mansa*, um tubérculo do reino vegetal, que possui um teor de ácido cianídrico menor, logo, segura para consumo direto de seres humanos e outros animais. Esse domínio é estruturado nos termos de um **domínio-origem**, cuja centralidade está na não agressividade de seres humanos e outros animais, ou seja, estes apresentam a qualidade de serem calmos, tranquilos, dóceis. Em outras palavras, a qualidade da mansidão é projetada para a mandioca que não apresenta riscos para o consumo. Por outro lado, na figura 9 abaixo, temos a projeção metafórica de “mandioca brava”, sendo *mandioca brava* o **domínio-alvo**, um tubérculo do reino vegetal, que possui um alto teor de ácido cianídrico, tornando-a extremamente tóxica para consumo. Esse domínio é estruturado nos termos de um **domínio-origem**, cuja centralidade é marcada pela ferocidade e irritação tanto identificada em seres humanos quanto nos outros animais. Somam-se a isso, traços como: “danado, rígido, tempestuoso, agreste” atribuído ao caráter de determinadas pessoas etc.

**Figura 10:** Projeção metafórica: mandioca brava



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Diante das projeções acima, podemos afirmar que há um fenômeno de projeção metafórica, identificada como *personificação*. Conforme Lakoff e Johnson (2002[1987]), a personificação trata-se de metáforas nas quais os objetos (seres inanimados) são concebidos como pessoas ou animais (seres animados). Além disso, os autores pontuam que a personificação permite-nos dar sentido a fenômenos do mundo com base nos nossos próprios objetivos, ações e características. Portanto, afirmamos que os termos apresentados no Corpus de Trabalho tratam-se de personificações, visto que: (i) *mansa* e *brava* são características atribuídas a seres animados e (ii) esses adjetivos projetam traços de comportamento humano em elementos inanimados.

É importante destacar que esse tipo de categorização é variável, ou seja, cada comunidade humana estabelecerá seus parâmetros. Para os povos originários do Brasil, por exemplo, os primeiros a cultivarem e consumirem a mandioca, os termos *mandioca-mansa* e *mandioca-brava* carregam um sentido primordial, que ultrapassa a nossa visão de que se tratam de elementos do reino vegetal. Nas cosmologias dos povos originários, os vegetais não são vistos apenas como recursos naturais, mas como elementos que apresentam características e modos de agir próprios. A antropóloga Lígia Raquel Rodrigues (2010), atualmente professora da UNEB, apresenta em sua tese uma teoria elaborada por Philippe Descola (1999) que explora a relação “natureza e cultura” na Amazônia indígena. Neste trabalho, Descola trata da interação do povo Achuar<sup>6</sup> com o ambiente. Segundo Rodrigues (2010), o animismo é uma das formas que a identificação da natureza pode ser concebida:

Os sistemas anímicos são a base da construção social para alguns povos. A identificação animista, conforme a proposta de Descola, dota os seres não humanos (animais, vegetais e espíritos) de disposições humanas como também de atributos sociais, chegando a alguns casos a conferir-lhes ingredientes culturais (hábitos, rituais, músicas e danças próprias). Essa concepção orientaria os comportamentos sociais de todos os seres, humanos e não-humanos. (p.45)

Assim para os povos *Achuar*<sup>6</sup>, os animais, as plantas e os outros seres do ambiente são compreendidos como possuindo características e comportamentos semelhantes aos humanos. Ou seja, não há uma separação rígida entre natureza e sociedade: todos os seres participam de uma mesma dinâmica social.

### 3.6.2 Jirau

Nesta seção, tratamos do termo *jirau*, instrumento utilizado no processo de secagem da goma, um dos sub-produtos da mandioca. No Excerto 2, a informante descreve o processamento da goma e nos últimos enunciados, apresenta e define o termo em destaque:

#### Excerto 2:

- \*JUL [31] mais cedo/ você estava me falando/ que vocês tiravam goma/ como assim/ tiravam goma //
- \*LUC [32] é porque/ pra goma tá pronta/ seca já/ tem todo um processo//
- \*LUC [33] eh/ além do plantio da mandioca/ né/ que arrancava a mandioca/ é/ na nossa casa não tinha motor//
- \*LUC [34] e aí/ a minha mãe levava pra casa do vizinho/ onde tinha um motor/ e ele cedia//
- \*LUC [35] e ali relava a mandioca/ e aí depois tirava a goma//
- \*LUC [36] pra tirar a goma/ é/ depois da massa/ que relava a mandioca/ e ficava a massa/ essa massa/ ela é colocada dentro d'água//
- \*LUC [37] ela colocava/ tinha uns cochos/ né/ que a gente colocava//
- \*LUC [38] eh / os cochos de madeira/ colocava essa massa/ colocava a água/ e com o saco/ a gente/ ia passando aí/ ia/ tirando a gom [1 ] <oh a massa>//
- \*LUC [39] e aí/ ficava só aquela água branca//
- \*LUC [40] que dali/ aquela água assentava no fundo do cocho/ e virava a goma//
- \*LUC [41] ela ficava ali/ pra ficar uma goma azeda/ ela ficava uns dias ali//
- \*LUC [42] depois/ a minha mãe tirava/ coava essa goma/ de novo/ passava/ ela coava em toalhas de mesa//
- \*LUC [43] e ali era mais de uma pessoa//
- \*LUC [44] eu ficava segurando do lado/ e ela do outro/ e coava essa goma//
- \*LUC [45] aí depois colocava pra secar//
- \*LUC [46] pra secar essa goma/ é/ se fosse no quintal da nossa casa/ como tinha galinha/ a minha mãe sempre fazia um *jirau*/ pra ficar no alto/ pras galinha não subir//

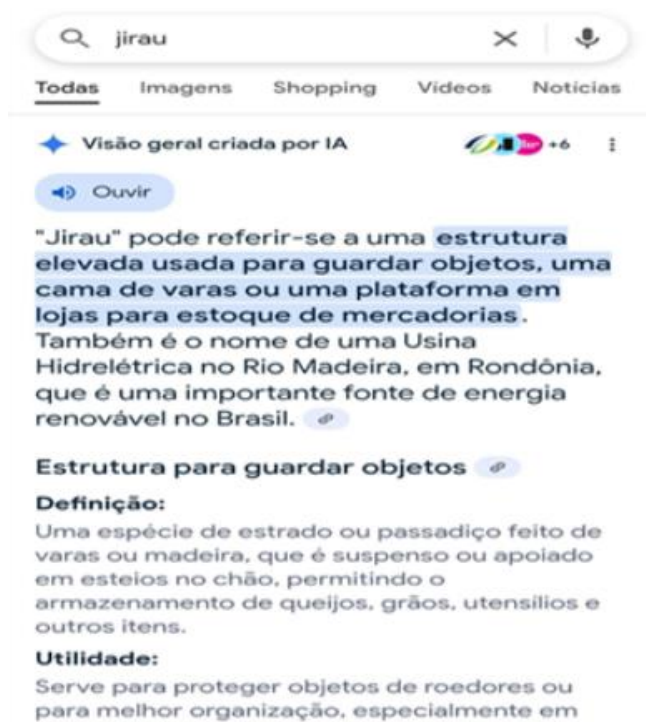
---

<sup>6</sup> Os *Achuar* são um povo indígena das Américas pertencente à família Jivaroana, juntamente com os *Shuar*, *Shiwiar*, *Awajun* e *Wampis* (Peru). Eles se estabelecem ao longo das margens dos rios *Pastaza* e *Huasaga*, e nas fronteiras entre o Equador e o Peru. A palavra "Achuar" tem origem no nome das grandes palmeiras chamadas "Achu" (*Mauritia flexuosa*), abundantes nos pântanos de seu território. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Achuar>

\*LUC [47] esse jirau/ ele era feito de madeira/ ela enfincava as madeira no chão/ e colocava umas tábuas por cima/ e ali ela colocava a goma pra secar//

Agora vejamos o que encontramos quando buscamos por *jirau* na internet:

Figura 11: significado de *jirau* pela internet



Fonte: Retirada do Google

Já no Mini Dicionário Aurélio (Ferreira, 2009) encontramos esse resultado:

**Ji.rau:** *sm. Bras.* 1. Armação de madeira sobre a qual se constroem casas. 2. Qualquer armação de madeira em forma de estrado ou palanque. 3. Pavimento construído a meia altura de um recinto; mezanino. (p. 496)

Constatamos ainda esse resultado no Dicionário Online de Português (2025):

**Significado de Jirau:** substantivo masculino.

Estrado de varas sobre forquilhas cravadas no chão e que serve para guardar utensílios.

Estrado que dá suporte à cama ou cama de varas.

Espécie de estrado onde se sentam os pescadores na jangada.

Armação de madeira sobre a qual se constroem casas.

Estrutura de madeira armada que, ligada a uma árvore bem grande, serve para facilitar o seu corte em pedaços menores. [Construção] Designação abreviada da Usina Hidrelétrica de Jirau, construída no Rio Madeira, em

Rondônia. [Construção] Construção que, a meia altura, cobre parte de uma área.

Além destes resultados, encontramos estas imagens na internet como caracterização de *jirau*:

**Figura 12:** *Jirau*



**Fonte:** retiradas da internet.<sup>7</sup>

É possível identificar que não encontramos nenhuma acepção na internet e nos dicionários sobre *jirau* como estrutura feita de madeira com o objetivo de secar goma. Já as imagens disponíveis na internet vinculam o termo '*jirau*' a construções arquitetônicas de tradição europeia, distantes de seu significado original como estrutura de madeira utilizada para secar goma. Diante disso, conseguimos uma fotografia de *jirau* cuja representação se aplica ao conceito adotado pelos trabalhadores de Ibirapuã, os quais compreendem este objeto assim como os povos originários. Vejamos a figura abaixo:

**Figura 13:** *Jirau*



**Fonte:** elaborado pela própria autora

<sup>7</sup> Disponíveis em: <https://barbearia.org/aprenda-a-montar-um-jirau-pratico-e-funcional/>  
[https://www.archdaily.cl/cl/office/jirau-arquitetura.](https://www.archdaily.cl/cl/office/jirau-arquitetura)

A figura 13 contempla a imagem de *jirau* como uma forma de construção que preserva o modelo originalmente empregado pelos povos indígenas, que utilizavam o *jirau* para secagem de goma e farinha de mandioca. Assim, a fotografia comprova o uso do termo no sentido não registrado nos dicionários, mas vivo na prática e no conhecimento tradicional da comunidade local.

O que torna esse achado interessante, já que *jirau* é uma palavra de origem tupi, o mesmo Dicionário Online de Português (2025) trata dessa informação: Etimologia (origem da palavra *jirau*). Do tupi *yu'ra*. Nesse caso é preciso retomar aos primórdios da constituição do português brasileiro para explicitar o problema com os significados apresentados pelas pesquisas. Assim como foi citado anteriormente nesse trabalho, o substrato linguístico é um termo utilizado para designar a língua de um povo que é abandonada em proveito de outra que a ela se impõe, normalmente em resultado de uma imposição ou domínio político (Câmara Junior, 1981 *apud* Afrânio da Silva Garcia, 2002). Dessa forma, as línguas indígenas compõem o substrato linguístico do português brasileiro, pois foram progressivamente substituídas pela língua do colonizador, entretanto, deixaram marcas profundas no léxico, especialmente em nomes de plantas, animais, utensílios e elementos da natureza, como é o caso do termo *jirau*.

Do mesmo modo, houve uma necessidade de se adotar termos das línguas indígenas, pois precisava-se denominar os objetos e as realidades desconhecidas na tradição portuguesa, típicas de tradições brasileiras (Dietrich e Noll, 2010). Nesse contexto, compreende-se que *jirau* designa um instrumento utilizado originalmente pelos povos indígenas, construído em madeira e empregado, entre outras funções, para o processo de secagem da goma extraída da mandioca, alimento central em sua cultura. Portanto, a palavra *jirau* foi empregada no léxico brasileiro com o objetivo de nomear uma estrutura destinada à cultura indígena, com prática inicialmente desconhecida pelo europeu.

Sendo assim, por que o termo *jirau* não aparece nos dicionários tanto físico quanto online com a acepção relacionada ao instrumento utilizado na secagem da goma? Sendo que em todo o Brasil as pessoas consomem a mandioca diariamente? A mandioca é o alimento que nos une como nação, preparada em diversos pratos, receitas e culturas. A ausência dessa acepção nas fontes dicionarizadas revela não apenas uma lacuna no registro da língua, mas também uma invisibilização de práticas tradicionais ligadas à cultura indígena e à formação da identidade brasileira.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a Sociolinguística, a língua deve ser analisada em uso, levando-se em conta o contexto social, histórico e cultural em que ela se manifesta. Não se trata apenas de observar estruturas formais, mas de compreender como a fala carrega marcas da identidade dos sujeitos, revelando modos de vida, valores e relações de poder. Foi com essa perspectiva que este trabalho buscou investigar o comportamento linguístico dos trabalhadores da feira livre de Ibirapuã-BA, um espaço que, além de comercial, configura-se como lugar de memória, de resistência e de circulação de saberes tradicionais. Sendo assim, o percurso da pesquisa envolveu desde a observação do espaço até a coleta, transcrição e análise dos dados. Esse processo evidenciou como a feira constitui um ponto central da vida comunitária, onde a oralidade se apresenta como principal meio de interação. As falas analisadas revelaram aspectos relevantes não só da língua em uso, mas também da história da cidade e das práticas culturais que ainda resistem, mesmo em meio a transformações sociais e econômicas.

A cidade de Ibirapuã, apesar de sua emancipação relativamente recente, carrega tradições fortemente vinculadas à memória de seus habitantes. A fala da informante entrevistada demonstrou como elementos da vida cotidiana, como o trabalho agrícola, o comércio de alimentos e a organização das famílias, permanecem vivos no discurso, transmitindo conhecimento e preservando práticas culturais. Ao mesmo tempo, surgem indícios de mudanças na dinâmica da feira e da própria cidade, o que aponta para a coexistência entre permanências e rupturas. Um exemplo expressivo dessa riqueza linguística e cultural está nas expressões “mandioca mansa” e “mandioca brava”. Ao atribuírem características humanas a alimentos, os falantes recorrem a processos de metáfora e personificação, que não apenas revelam criatividade linguística, mas também mostram como o mundo é interpretado e significado pela comunidade. Trata-se de uma forma de linguagem que ultrapassa a comunicação prática, sendo também expressão de uma visão de mundo.

Outro dado relevante foi a menção ao termo *jirau*, utilizado pela informante para designar uma estrutura destinada a secar goma de mandioca. A análise revelou que essa acepção do termo encontra-se apagada em muitos dicionários, o que indica um processo de invisibilização cultural. Esse apagamento reflete, de certo modo, o silenciamento histórico das práticas indígenas que deram origem a diversos hábitos alimentares e modos de trabalho da região. Assim, a fala da comunidade, ao preservar esse vocabulário, mantém viva uma memória cultural que não está mais registrada nos espaços oficiais da língua.

Esses exemplos reforçam que a língua, além de seu papel comunicativo, desempenha também a função de preservar tradições e de resistir ao esquecimento. Em Ibirapuã, a oralidade registra transformações históricas, ressignifica práticas e denuncia silenciamentos, funcionando como um verdadeiro arquivo vivo da cultura local. Dessa forma, conclui-se que o estudo sociolinguístico da fala dos trabalhadores da feira livre de Ibirapuã-BA permite compreender não apenas aspectos linguísticos, mas também culturais, históricos e identitários. A análise revelou a língua como um instrumento de preservação da memória coletiva e de resistência cultural, evidenciando que, em cada palavra e expressão, ecoa a história de um povo que continua a se afirmar através de sua própria voz.

## REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. Lexicologia social: a lexemática e a teoria dos campos lexicais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (orgs) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v.VI. Campo Grande, MS: Ed, UFMS, 2012. p. 141-161.
- ANTHONY, Laurency. Lawrence Anthony Website (AntConc), 2020. Disponível em &60; <https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>. Acesso em: 22 de jul. 2025.
- ARCHDAILY. “Jirau Arquitetura”. ArchDaily en Español, Oficina de Arquitectura, Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.cl/cl/office/jirau-arquitetura>. Acesso em: 3 out. 2024.
- AUSTIN, J. L. How do to things with words. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- BARBEARIA. Org. *Aprenda a Montar um Jirau Prático e Funcional*. Rafael Oliveira, 06 jul. 2023. Disponível em: <https://barbearia.org/aprenda-a-montar-um-jirau-pratico-e-funcional/>. Acesso em: 3 out. 2024.
- SARDINHA, Tony B.. Linguística de Corpus: histórico e problemática. In: DELTA [online]. Vol. 16, n. 2, 2000, p. 323-367. [pdf]
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri. (orgs) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2.ed. Campo Grande, MS: Ed, UFMS, 2001. p. 13-22.
- BOL. “Fala muito palavrão? Cientistas têm uma boa notícia para você”. *Notícias BOL*, 11 jan. 2017. Disponível em: <https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/entretenimento/2017/01/11/fala-muito-palavrao-cientistas-tem-uma-bo-a-noticia-para-voce.htm>. Acesso em: 20 ago. 2025.
- CARMO, Crysna Bonjardim da Silva. *A complexidade das cláusulas relativas na fala espontânea do português do Brasil: os dados do C-ORAL Brasil* [manuscrito]. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/7261f992-452e-43a0-baeb-16be0e6b018c/content>. Acesso em: 11 jun. 2025.
- CHIAVEGATTO, V.C. Introdução à linguística cognitiva. Matruga, Rio de Janeiro, v.16, n.24, jan./jun. 2009. (pdf)
- CRESTI, E. Corpus di Italiano parlato. Firenze: Accademia della Crusca, 2000.
- DICIO – Dicionário Online de Português. *Jirau*. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/jirau/>. Acesso em: 3 out. 2024.

DICIO. *Mandioca*. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/mandioca/>. Acesso em: 4 ago. 2025.

FREITAG, R. M. K. Documentação sociolinguística [recurso eletrônico]: coleta de dados e ética em pesquisa. São Cristóvão: Editora UFS, 2017.

Fujita, Erika. *Explicando a mandioca brava e a mandioca mansa*. YouTube, 11 ago. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0KC2bH1Ck0o>. Acesso em: 4 out. 2025.

GARCIA, Afrânio da Silva. O português do Brasil: questões de substrato, superstrato e adstrato. *Soletas*, Ano II, nº 04, São Gonçalo: UERJ, jul./dez. 2002.

GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. *The Oxford handbook of Cognitive Linguistics*. New York: OUP, 2007.

GÖRSKI, E.M.; COELHO, I; et al. Sociolinguística. Florianópolis: LLV/CCE/ UFSC, 2010.[pdf]

GOVEIA, Andre Ribeiro de et al. A invisibilidade dos povos indígenas. *Revista LEVV*, [S. 1.], v. 16, n. 49, p. 7912-7925 jun. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.56238/levv16n49-117>. Acesso em: 14 ago. 2025.

GUY, G.R. A Identidade Linguística da Comunidade de Fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação linguística. *Organon*, v. 14, n. 28-29, 2000. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/organon/article/view/30194>. Acesso: jan.2023. LABOV, W. Padrões sociolinguísticos. Tradução de Barros et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

IGREJA DA CIDADE. Mansidão, a sétima manifestação do fruto do Espírito. Disponível em: <https://igrejadacidade.net/mansidao/>. Acesso em: 20 ago. 2025.

LABOV, William. Padrões Sociolinguísticos. [1972] Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Mercado de Letras, 2002 [1987].

LAURETH, Jessica Cristina Urbanski. *Mandioca brava x Mandioca mansa*. 11 ago. 2017. Disponível em: <https://alimentosesuascuriosidades.blogspot.com/2017/08/mandioca-brava-x-mandioca-mansa.html>. Acesso em: 4 out. 2025.

MAIA, Doralice Satiro. As feiras: lugar de mercado e de encontro – um registro das observações feitas em feiras de cidades brasileiras e portuguesas. In: Encontro Paraibano de

- Geografia, 3, 2006, João Pessoa. Anais. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2006. v. 1.
- MARCONI, M. A; LAKATOS. Fundamentos de metodologia. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.
- NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf. (orgs). *O Português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.
- RASO, T. O C-ORAL-BRASIL e a Teoria da Língua em Ato. In: RASO, T.; MELLO, H. (Org.). C-ORAL-BRASIL. C ORAL-BRASIL I: corpus de referência do português brasileiro falado informal. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- RASO, T.; MELLO, H. (Org.). C-ORAL-BRASIL I: corpus de referência do português brasileiro falado informal. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- SILVA. A.S. A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística. Revista Portuguesa de Humanidades, v. 1, n. 1-2, p.59-101, 1997. Disponível em: <http://www.facfil.ucp.pt/lingcognit.htm>. Acesso em: 25 de jul. 2025.
- SILVA, Deilma Barbosa Santos. *O léxico da feira livre: um estudo baseado em um corpus de fala espontânea*. 2024. 146 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Departamento de Educação (DEDC), Universidade do Estado da Bahia, Teixeira de Freitas, 2024. Disponível em: <https://saberaberto.uneb.br/handle/20.500.11896/5572>. Acesso em: 5 out. 2024.
- SOARES, Lígia Raquel Rodrigues. *Mẽ amjĩ kĩn e pjêh cunã: Cosmologia e meio ambiente para os Ramkôkamekrá/Canela*. Palmas: UFT, 2010. 176 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Tocantins - UFT, Programa de Pós- Graduação em Ciências do Ambiente, 2010.
- TARALLO, Fernando. A pesquisa Sociolinguística. São Paulo: Ática, 1997.

## ANEXO

\*JUL [ 1 ] oi dona LUC\*/ tudo bem / podemos começar com aquela nossa conversa agora//

\*LUC [ 2 ] oi/ tudo bem/ podemos sim//

\*JUL [ 3 ] ótimo//

\*JUL [ 4 ] pra começar/ eu gostaria que/ a senhora me respondesse/ quantos anos que a senhora tem//

\*LUC [ 5 ] 47 anos//

\*JUL [ 6 ] 47 anos//

\*JUL [ 7 ] e a senhora sempre morou aqui em Ibirapuã//

\*LUC [ 8 ] sim/ eu morava no município de Ibirapuã/ na zona rural/ aí depois é que eu vim pra cá//

\*JUL [ 9 ] ah/ e a senhora nasceu aqui mesmo//

\*LUC [ 10 ] nasci//

\*JUL [ 11 ] que ótimo/ mas aqui mesmo/ ou nas redondezas//

\*LUC [ 12 ] nas redondezas/ nasci na roça mesmo//

\*JUL [ 13 ] então é filha dessa terra/ né//

\*JUL [ 14 ] e a gente tava conversando mais cedo/ sobre a feira/ né/ tava aquele movimento/ não deu pra/ conversar pra gravar muito bem/ mas agora/ que já deu uma acalmada né/ a senhora ficou de me contar aquela história/ como que foi assim/ a sua relação com a feira//

\*LUC [ 15 ] eh/ a minha relação//

\*LUC [ 16 ] eu mesma nunca fui feirante/ nunca vendi nada assim na feira/ mas/ eu sempre acompanhei a minha mãe/ que a minha mãe vendia eh/ todo sábado/ ela vendia coisas na feira//

\*LUC [ 17 ] eu sempre acompanhava//

\*LUC [ 18 ] pra tá ajudando//

\*JUL [ 19 ] uhum/ o que vocês vendiam lá//

\*LUC [ 20 ] a minha mãe vendia/ tudo que ela produzia lá na roça//

\*LUC [ 21 ] ela/ trazia/ banana/ pra vender/ batata/ ela/ goma/ puba/ é/ corante/ frango//

\*LUC [ 22 ] trazia os frango vivo mesmo/ pra vender//

\*LUC [ 23 ] eh / mandioca//

\*LUC [ 24 ] o que tinha lá na roça/ ela trazia/ abóbora//

\*JUL [ 25 ] e/ todos esses produtos/ vocês mesmo que/ cultivavam/ que produziam//

\*LUC [ 26 ] sim/ era tudo cultivado lá//

\*LUC [ 27 ] eh/ ela mesmo que/ plantava/ que/ cuidava da terra//

\*LUC [ 28 ] e a goma/ ela mesmo que/ que fazia a goma//

\*LUC [ 29 ] era tudo/ tudo de lá mesmo//

\*LUC [ 30 ] os/ os frango/ galinha/ ela criava lá no quintal//

\*JUL [ 31 ] mais cedo/ você estava me falando/ que vocês tiravam goma/ como assim/ tiravam goma //

\*LUC [ 32 ] é porque/ pra goma tá pronta/ seca já/ tem todo um processo//

\*LUC [ 33 ] eh/ além do plantio da mandioca/ né/ que arrancava a mandioca/ é/ na nossa casa não tinha motor//

\*LUC [ 34 ] e aí/ a minha mãe levava pra casa do vizinho/ onde tinha um motor/ e ele cedia//

\*LUC [ 35 ] e ali relava a mandioca/ e aí depois tirava a goma//

\*LUC [ 36 ] pra tirar a goma/ é/ depois da massa/ que relava a mandioca/ e ficava a massa/ essa massa/ ela é colocada dentro d'água//

\*LUC [ 37 ] ela colocava/ tinha uns cochos/ né/ que a gente colocava//

\*LUC [ 38 ] eh / os cochos de madeira/ colocava essa massa/ colocava a água/ e com o saco/ a gente/ ia passando aí/ ia/ tirando a gom [ /1 ] <oh a massa>//

\*LUC [ 39 ] e aí/ ficava só aquela água branca//

\*LUC [ 40 ] que dali/ aquela água assentava no fundo do cocho/ e virava a goma//

\*LUC [ 41 ] ela ficava ali/ pra ficar uma goma azeda/ ela ficava uns dias ali//

\*LUC [ 42 ] depois/ a minha mãe tirava/ coava essa goma/ de novo/ passava/ ela coava em toalhas de mesa//

\*LUC [ 43 ] e ali era mais de uma pessoa//

\*LUC [ 44 ] eu ficava segurando do lado/ e ela do outro/ e coava essa goma//

\*LUC [ 45 ] aí depois colocava pra secar//

\*LUC [ 46 ] pra secar essa goma/ é/ se fosse no quintal da nossa casa/ como tinha galinha/ a minha mãe sempre fazia um jirau/ pra ficar no alto/ pras galinha não subir//

\*LUC [ 47 ] esse jirau/ ele era feito de madeira/ ela enfincava as madeira no chão/ e colocava umas tábuas por cima/ e ali ela colocava a goma pra secar//

\*JUL [ 48 ] e além de goma/ você falou que/ vocês levavam puba também/ é puba/ é isso mesmo//

\*LUC [ 49 ] é/ a puba/ o processo da puba já é diferente//

\*LUC [ 50 ] essa puba/ a gente colocava mandioca/ com casca mesmo/ dentro de um balde cheio de água//

\*LUC [ 51 ] e ali essa mandioca ficava tipo fermentando mesmo//

\*LUC [ 52 ] ela/ ficava vários dias dentro da água//

\*LUC [ 53 ] aí quando ela já estava molinha/ a gente tirava/ essa mandioca/ descascava/ tirava dentro da água//

\*LUC [ 54 ] e ali torcia/ em um pano/ podia ser um pano ou um saco de pano/ torcia bastante/ e colocava pra secar//

\*LUC [ 55 ] depois de seca/ tinha que pisar/ no pilão//

\*LUC [ 56 ] pilão/ a minha mãe tinha um pilão bem grande/ de madeira//

\*LUC [ 57 ] e ali pisava/ essa puba//

\*LUC [ 58 ] depois de pisada/ eh / cessava/ pra ficar bem fininha/ e aí depois de cessada levava pra vender//

\*LUC [ 59 ] dessa puba/ é/ fazia/ bolo/ mingau/ mingau de puba com leite é gostoso/ bolo de puba também//

\*LUC [ 60 ] e essa puba além de/ seca ela pode ser vendida fresca também/ só que geralmente a minha mãe vendia seca//

\*LUC [ 61 ] mas ela fresca também/ eh/ dá um bolo muito gostoso//

\*JUL [ 62 ] e/ você estava me falando que/ a goma era o produto principal né/ que era o mais famoso/ e o que dá pra fazer com a goma//

\*LUC [ 63 ] olha/ a goma seca/ dá pra fazer biscoito//

\*LUC [ 64 ] biscoito que o pessoal fala/ biscoito avoador/ na nossa região aqui//

\*LUC [ 65 ] e o biscoito de/ biscoito de doce//

\*LUC [ 66 ] mas a goma também/ a goma fresca/ dá pra fazer beiju/tem gente que fala tapioca/ né/ mas a gente lá na roça falava beiju//

\*LUC [ 67 ] dá pra fazer o beiju/ dá pra fazer moqueca/ tudo da goma fresca//

\*JUL [ 68 ] e como é essa moqueca/ porque/ o que eu conheço mais/ é moqueca de peixe//

\*JUL [ 69 ] como que é essa moqueca assim//

\*LUC [ 70 ] essa moqueca/ na nossa casa a gente mesmo não fazia/ mas tinha uma vizinha nossa que fazia a moqueca//

\*LUC [ 71 ] ela é feita com a goma/ na palha de banana/ açúcar / e coco ralado/ e leite//

\*LUC [ 72 ] fica muito gostosa também a moqueca//

\*LUC [ 73 ] aí ela é assada na palha de banana/ enrola na palha de banana/ e coloca no forno pra assar//

\*JUL [ 74 ] e aí vocês levavam todos esses produtos pra feira né/ e como que era o movimento lá/ tinha muitos compradores//

\*LUC [ 75 ] sim a minha mãe como ela já vendia todo sábado/ os produtos dela já eram conhecidos/ a goma dela muito boa por sinal/ todo mundo queria a goma dela//

\*LUC [ 76 ] o corante dela também/ todo mundo gostava porque era um corante bem vermelhinho/ porque não é todo mundo que sabe tirar o corante//

\*LUC [ 77 ] mas a minha mãe tirava e ficava um corante bem vermelhinho//

\*LUC [ 78 ] então ela já tinha/ as pessoas já encomendava//

\*LUC [ 79 ] batata também/ ela vendia bastante/ tinha gente que já comprava no saco já/ o saco completo pra fazer geleia/ então assim ela já tinha os fregueses já//

\*JUL [ 80 ] e/ e o corante/ como era feito esse corante//

\* LUC [ 81 ] o corante/ ela tinha bastante pé/ lá no/ no quintal de casa mesmo/ ela sempre gosto de/ gostava de cultivar essas coisas//

\*LUC [ 82 ] eh/ o corante depois/ quando estava maduro/ ela quebrava os galhos/ do corante/ e aí colocava pra secar//

\*LUC [ 83 ] depois de seco/ ela /espalhava uma lona no chão//

\*LUC [ 84 ] e ali ela batia/ tinha um/ um pedaço de pau de madeira/ ela batia aqueles corantes ali/ por cima da lona//

\*LUC [ 85 ] e pra tirar os caroço/ porque batendo era mais rápido/ que já estava tudo seco//

\*LUC [ 86 ] e ali depois que tava seco/ ela ia pra tirar o corante/ tem que levar na panela/ o corante/ um pouco de óleo/ e farinha/ e faz tipo uma farofa mesmo/ na panela/ depois dessa farofa pronta/ aí vai pro processo de pisar/ também no pilão//

\*LUC [ 87 ] ali no pilão/ se tivesse mais de uma pessoa/ tem duas mãos de pilão/ e ali cada uma de um lado/ pisando//

\*LUC [ 88 ] depois de pisado/ ela cessa [ /2 ] <cessava> esse corante/ e aí já estava pronto pra vender/ ela vendia no litro//

\*JUL [ 89 ] isso que eu ia perguntar/ é/ quais unidades de medida/ vocês costumavam usar assim pra/ pra medir esses produtos/ a goma/ a puba/ o corante//

\*LUC [ 90 ] era tudo no litro/ eh/ tinha uns litro/ eh/ naquela época tinha uns litros de madeira/ tinha medida certa ali de um litro//

\*LUC [ 100 ] aí/ ela levava/ essas coisas e media no litro//

\*JUL [101 ] uhum/ e/ a feira de antes/ pelo que/ você está me contando/ era bem farta né desses produtos/ e hoje em dia como está o movimento/ assim/ pelo que você vê/ pela sua experiência//

\*LUC [ 102 ] é porque naquele tempo/ aqui em Ibirapuã/ não tinha muito supermercado/ eh/ só tinha uns dois/ eh/ se falava armazém né/ tinha uns dois arma [3] <armazém>/ pouca coisa//

\*LUC [ 103 ] e hoje [4] e aí tinha bastante gente/ que produzia na roça e trazia pra vender//

\*LUC [104 ] eh/ às vezes nem era nas barraquinha mesmo/ igual tem hoje em dia//

\*LUC [105 ] a minha mãe mesmo/ ela colocava/ tinha um mercado/ só coberto/ e ali no chão mesmo/ ela forrava o chão e colocava as coisa ali mesmo/ ou um tamburetim pra botar as coisas em cima e vendia ali mesmo//

\*LUC [ 106 ] hoje em dia que tem/ eh/ tem o mercado/ tem as barraquinha tudo organizado//

\*LUC [107 ] tem os lugares mesmo pra fazer as lojinhas e tudo/ mas no tempo da minha mãe não tinha/ tudo isso//

\*LUC [ 108 ] e como tinha pouco supermercado/ então as pessoas compravam mais na feira/ verdura/ fruta/ o que tinha pra vender/ só que hoje em dia é mais difícil de vender também/ porque a pessoa já encontra tudo no supermercado/ verdura/ fruta/ legumes/ tudo tem no supermercado/ então a pessoa vai pra fazer a feira e já compra tudo//

\*JUL [ 109 ] ah sim/ entendi/ e/ e lá na roça/ você me contou sobre esses processos né/ de tirar a goma/ tirar o urucum/ tinha mais alguma atividade/ que vocês faziam que não é/ de costume fazer hoje//

\*LUC [ 110 ] sobre a goma/ eh/ além de secar no jirau/ que a minha mãe fazia/ eh/ tinha uma fazenda/ não muito perto de casa/ que tinha um lajedo/ eh/ bastante lajedo/ aí quando a minha mãe tinha muita goma pra secar/ a gente levava/ tinha um jeguinho lá em casa/ a gente colocava os balaio e levava essa goma pra secar nessa fazenda//

\*LUC [ 111 ] aí como a fazenda era distante de casa/ a gente ia e já passava o dia lá/ aí além da goma/ tinha um rio que passava pelo lajedo/ já levava roupa pra lavar/ e aí ficava o dia todo lá/ alguém ia levar a comida/ geralmente eu ia/ pra levar essa comida/ e aí depois da comida eu ficava lá com minha mãe ajudando/ a gente lavava as roupa/ enquanto a goma estava secando a gente estava lavando as roupa/ quando terminava/ que o sol já estava se pondo/ a gente pegava essa goma já seca/ e a roupa também já toda seca/ e voltava pra casa/ com tudo pronto já//

\*JUL [ 112 ] e vocês voltavam de que//

\*LUC [ 113 ] a gente voltava a pé/ e às vezes eu ia de cavalo/ quando eu ia levar a comida pra minha mãe/ só que às vezes eu já ia junto com ela/ a gente ia a pé//

\*LUC [ 114 ] eh/ passando por meio de vaca e tudo porque era longe de casa/ mas/ pra mim/ que naquele tempo era criança/ era um acontecimento/ porque quando minha mãe falava/ hoje nós vamos pro lajedo/ eu/ eu gostava muito/ porque era um divertimento pra mim/ eu não via aquilo como um trabalho//

\*LUC [ 115 ] mas pra mim era um divertimento/ era muito bom//

\*JUL [ 116 ] uhum/ que legal/ e/ lá na feira/ você estava até me falando mais cedo/ né/ eh/ sobre outras pessoas também que vendiam os produtos lá/ eh/ você lembra o nome de algum produto/ assim/ que vendia interessante/ ou o nome de alguma pessoa//

\*LUC [ 117 ] produto assim eu não lembro muito/ mas o nome de uma pessoa sim/ porque ficou marcado/ pra mim//

\*LUC [ 118 ] tinha uma senhora que vendia coisa lá também/ ela também mora [4] / <morava> na zona rural e mora até hoje/ ela trazia/ uma das coisas que eu lembro que ela trazia era maxixe/ e aí/ quando ela trazia os maxixe/ ela não trazia os maxixe verdinho/ que é o que o pessoal mais gosta de comprar/ que é mais gostoso/ os maxixe já estavam meio maduro//

\*LUC [ 119 ] e aí eu não sei quem foi/ mas colocou o apelido nela de machixe maduro/ e aí hoje em dia/ até hoje eu vejo essa senhorinha/ eu lembro/ porque o pessoal chamava ela de machixe maduro/ por causa dos machixe/ que já tava maduro//

\*JUL [ 120 ] esses produtos que tinham/ que tinham lá na feira/ né/ você já me falou do urucum/ falou da goma/ da puba/ falou do machixe agora né/ da senhora machixe maduro/ e tinha mais algum produto assim/ que você se lembra que tinha na feira//

\*JUL [ 121 ] é comum ter muito em feira tempero/ né/ tinha mais temperos/ além do corante//

\*LUC [ 122 ] tinha sim/ é/ tempero/ o coentro verde/ cebola/ eh/ queijo/ requeijão/ eh/ o beiju/ porque a minha mãe só fabricava a goma/ mas o beiju mesmo ela não fazia para vender/ mas tinha/ outras pessoas que levava já o beiju pronto/ para vender//

\*LUC [ 123 ] beiju feito com coco/ assado no forno/ eh/ tinha/ farinha/ o pessoal levava farinha para vender/ eu lembro aquele saco/ cheio de farinha//

\*LUC [ 124 ] milho/ o pessoal levava milho para vender também/ feijão/ tudo isso tinha na feira//

\*JUL [ 125 ] e esse beiju/ que você falou agora/ ele é o mesmo beiju que você falou que dá para fazer com a goma fresca/ ou já é diferente//

- \*LUC [ 126 ] não/ é diferente/ o que eu falei antes/ da goma fresca/ ele é feito na panela//
- \*LUC [ 127 ] eh/ na minha casa costumava fazer/ o beiju na panela/ passava a manteiga para comer o beiju puro mesmo/ esse outro que o pessoal levava para vender/ era o beiju assado no forno/ de fazer farinha//
- \*LUC [ 128 ] eh/ ele era feito com goma/ goma fresca também/ porém coloca [/5] <coloca> açúcar e coco/ e ali dobra ele/ ele é dobrado/ e é/ ele é quadradinho//
- \*JUL [ 129 ] e/ e além de você/ tem mais alguém assim na sua família que/ que mexe com/ com esses produtos da feira/ que tinha o costume ou que ainda tem o costume de vender/ produtos na feira//
- \*JUL [ 130 ] pelas minhas visitas que eu vi [/6] <que eu fui lá> né / eu até conversei com/ um outro senhor/ eu não gravei ele/ mas eu conversei assim/ e ele/ me falou que não é o mesmo movimento lá/ mas que tem gente que vende assim os produtos de outras formas né/ que o tempo vai passando/ acabou inovando//
- \*JUL [ 131 ] tem alguém/ da sua família que tem esse mesmo costume//
- \*LUC [ 132 ] tem sim/ tem o meu irmão/ ele vende coisas que ele produz na roça também/ só que o meu irmão não fica/ não é na feira que ele vende/ eh/ ele sai de porta em porta/ ele sai nas ruas oferecendo os produtos dele/ e ele sempre vem na sexta-feira/ toda sexta-feira ele vem//
- \*LUC [ 133 ] aí ele traz o que ele produz lá também/ só que/ o meu irmão já vende a goma/ ele mesmo tira/ que ele aprendeu com minha mãe/ só que ele vende a goma fresca/ ele/ ele vende seca também/ mas o que ele mais vende é a goma fresca//
- \*LUC [ 134 ] ele já vende/ no saquinho já de um litro/ eh/ já cessedinha pronta para colocar na panela//
- \*LUC [ 135 ] ele vende a puba fresca também para fazer bolo/ ele vende o leite/ que ele tira lá na roça né/ ele traz para vender também/ já traz nas garrafas/ e às vezes ele faz doce de leite também e traz/ abóbora quando ele tem/ quiabo/ então assim/ é o que ele produz lá ele traz para vender/ mandioca mansa para comer/ ele traz também para vender/ e aí ele sai oferecendo//
- \*LUC [ 140 ] mas assim/ como as coisas dele/ eh/ são coisas boas/ ele já tem as pessoas que já encomenda//
- \*LUC [ 141 ] e aí toda sexta-feira ele traz/ toda sexta//
- \*JUL [ 142 ] você falou aí da mandioca mansa/ achei interessante//
- \*JUL [ 143 ] como assim mandioca mansa//

\*LUC [ 144 ] é porque a mandioca/ tem a mandioca mansa/ que é a própria para comer/ a gente pode comer tranquilo//

\*LUC [ 145 ] e tem a mandioca brava/ que se a pessoa comer faz mal//

\*LUC [ 146 ] então assim/ a mansa/ eu não sei assim /as qualidades//

\*LUC [ 147 ] mas eu conheço a cacauzinha/ que o meu pai sempre plantava//

\*LUC [ 148 ] a mandioca cacauzinha/ ela é da casca roxa/ eh/ tem a casca preta por cima/ por baixo dessa casca preta/ ela é toda roxa/ então dá o nome de cacauzinha/ e ela é ótima para comer//

\*JUL [ 149 ] e com a mandioca brava/ dá para fazer alguma coisa//

\*LUC [ 150 ] não/ só para criação mesmo/ galinha/ porco//

\*JUL [ 151 ] até para fazer biscoito/ tirar goma/ é tudo com a mandioca mansa//

\*LUC [ 152 ] não/ aí pode usar qualquer uma/ é para comer mesmo/ assim que eu falo/ cozida//

\*JUL [ 153 ] ah tá entendi//

\*JUL [ 154 ] e/ você estava contando do seu irmão/ acabei/ eh/ achando interessante da mandioca né/ porque é diferente falar assim/ mandioca massa e mandioca brava/ eh/ já é muito comum para vocês/ que nem/ tem muito assim/ o que/ o que achar estranho né/ o que achar diferente//

\*JUL [ 155 ] mas o seu irmão/ eh/ foi o único que continuou com esses hábitos/ tem mais alguém na família que costuma vender/ esses produtos//

\*LUC [ 156 ] produtos da roça sim//

\*LUC [ 157 ] eh/ tem uma outra irmã também/ que mora também na roça//

\*LUC [ 158 ] só que ela/ ela/ vende também//

\*LUC [ 159 ] mas ela não tem esse costume igual o meu irmão/ de toda semana//

\*LUC [ 160 ] ela é no dia que ela dá na bistunta lá/ que ela tiver para vender/ ela traz/ igual o feijão verde/ eh/ eles plantam lá//

\*LUC [ 161 ] aí quando tem o feijão verde/ ela traz/ e corante/ ela sempre tira/ mas ela tira mais por encomenda//

\*JUL [ 162 ] nossa/ que legal/ é legal/ porque parece que/ eh/ os filhos pegaram os costumes né/ da mãe/ eh/ o seu pai também fazia alguma coisa assim/ também trabalhava na roça/ ou ele tinha alguma outra profissão//

\*LUC [ 163 ] o meu pai/ eh/ ele tinha comércio/ lá na roça/ naquele tempo a gente falava venda né/ vendia/ cachaça mesmo/ bebida/ era essas coisa que ele vendia/ tinha uma vendinha na nossa casa mesmo/ tinha um cômodo lá que ele tinha essa venda//

\*LUC [ 164 ] e aí o meu pai/ meu irmão/ tudo vendia lá//

\*LUC [ 165 ] e aí/ eu mesmo/ eu não vendo coisa na feira/ mas eu também vendo coisas/ eu acho que já está no sangue mesmo/ né/ todo mundo/ vendia alguma coisa/ e eu vendo/ eu vendo lingerie/ às vezes pano de prato/ quando eu tenho para vender/ eu vendo/ e/ essas coisas//

\*JUL [ 166 ] ah então vocês foram/ inovando as formas de vender né/ porque feira/ em alguns lugares ainda é muito forte/ mas/ infelizmente aqui é um costume que/ pelo que a gente viu né/ não/ não tá continuando/ mas pelo que eu percebi vocês/ deram outro jeito de continuar com a feira/ só que não o local da feira em si né/ então vocês levam a feira até as pessoas/ e você/ você falou que não vai na feira/ mas como que você vende então/ essas lingerie né/ esses panos de prato/ como que você vende//

\*LUC [ 167 ] eu vendo de/ porta em porta/ eh/ a pessoa pede/ eu vou e levo/ na sacola mesmo/ eh/ sacoleira mesmo//

\*LUC [ 168 ] só que aí com o meu trabalho/ durante a semana/ aí nos fins de semana eu levo até a pessoa/ ou então fora do meu horário de trabalho eu levo/ para a cliente ver//

\*JUL [ 169 ] que legal/ eh/ foi ótimo Luciana/ muito obrigada/ muito obrigada pelas suas palavras/ por compartilhar a sua história/ e/ com certeza a história da feira também de Ibirapuã/ não vai ficar apagada porque apesar do lugar não estar lá/ mas as pessoas continuam vendendo seus produtos de alguma forma né//

\*LUC [ 170 ] é/ ainda existe o lugar/ não mesmo que a minha mãe vendia/ porque isso já faz muito tempo/ mas existe sim um mercado lá/ e ainda tem gente vendendo/ tem o pessoal do assentamento/ que [6] <daqui> do município de Ibirapuã/ e o que eles produzem lá no assentamento eles trazem para vender/ e alguns moradores aqui mesmo do município de Ibirapuã/ eles trazem farinha/ beiju/ abóbora/ essas coisas/ eles trazem/ tempero verde/ só que assim/ não é muito/ mas ainda tem//

\*JUL [ 171 ] certo/ eh/ muito obrigada/ e eu vou/ liberar a senhora/ para os seus afazeres/ eu sei que a senhora está muito ocupada/ muito obrigada//

\*LUC [ 172 ] por nada/ eu que agradeço/ por compartilhar um pouco/ o que/ que já aconteceu/ e assim/ que eu tenho muito orgulho da minha mãe/ ela já faleceu/ mas assim/ as lembranças são muito boas de tudo que/ que eu passei com ela//